



Luis B. de Froes de Tigueiredo

Cota Cota

A beata Rita

Lisboa, 1714

2070.

João de Castro

43-1-48

C O R O
C E L E S T E
A Q U A T R O V O Z E S :

Vida musica em Solfa Metrica, da esclarecida,
Augustiniana,

B E A T A R I T A

*ADVOGADA PODEROSA DOS IMPOSSI-
veis com hum ramilhete dos seus milagres, colhi-
do na floresta das suas virtudes, com hum enco-
mio mais à mesma Santa, & hum perio-
do Latino à sua morte, com que a de-
voção obsequiosa do Author
coroa o Livro.*

OFFERECIDO AO SENHOR
SYLVESTRE PEYXOTO DA SYLVA.

A U T H O R

LUIS BOTELHO FROES DE FIGUEYREDO,
Philosopho, Canonista, natural da Villa de Santarem.



L I S B O A,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1714.

C O R O
C E L E S T E
A Q U A T R O V O Z E S

Y las cantatas en Sesta Menor, de el Sr. D. Juan de
Argüelles.

B E A T A R I T A

ADREVA A LA PODEROSA DEL IMPERIO
con sus bellas cantatas en Sesta Menor, con
de un fagote y de un clarinete, con una viola
y un violonchelo, y un bajo.
La forma de las voces, con una de las
voces de fagote y de clarinete.
Coro de Lirios.

C O N T E N I D O A O B I N H O R
S Y L V E S T R E P E Y X O T O D A S Y L V A

A O T H O R
L U S B O T E N O T R O S D E F I G U E R E D O
(El Autor de esta obra es el Sr. D. Juan de Argüelles)

L I S B O A,
M O N E D A A N T O N I O P E D R O N O G A R R A M

Con letra en blanco y dorado.
Año de 1774.



AO SENHOR
SYLVESTRE PEYXOTO DA SYLVA
DEDICATORIA.



*ESCUBRIO a especulaçãõ engenbosa de
Claudiano hum espaço ao merecimento
em que naõ podia entrar a inveja dos ho-
mens:*

Est aliquod meriti spatium, quod nulla furentis Claud.
invidiæ mensura capit.

*Busquey este espaço, & só no alto merecimento de V.
M. achey este privilegio; puz à sua sombra este Li-
vro, & serà immuidade da arvore o livrallo dos
incendios dos criticos; arvores ha que tem este mere-
cimento, como cantou Sedulio:*

Frondea blanditiæ lambebant robora flammæ, Sedul.
Splendor in frōdibus cerneretur esse, nō pœna. lib. i.
cap. 6.

*Onome de V. M. basta só para credito do meu Livro;
assim o respondeo ao Poeta Mureto o Oraculo que
consultava para as glorias do seu Escaligero:*

Cur petis imprudēs quod habes? dic Scaliger: illud Muret.
Omnis virtutis nomina nomen habet. ad Sca-
ligerū.

Como não será V. M. o credito de hum pequeno Livro, se o seu nome, a sua pessoa, a sua nobreza, & as suas virtudes são gloria, são lustre, são esplendor de toda hũa larga parte do mundo? Não produzio o Mundo novo melhor flor; das minas poz V. M. o precioso no sangue, & da nativa doçura daquelle Estado vestio o genio, sendo V. M. só neste Reyno o credito de todo o Brasil.

Demo-
fthen. 1
Olinth.

Vir unus heroicis totam gentem illustrat:
foy sentença de hum grande Sabio.

O argumento da obra he a vida de Santa RITA de Cassia, & só isto bastava para a offerta ser do agrado de V. M. alem disto he feudo do meu affecto, he primicia da minha amizade, & he foro da minha obrigação; todos estes são motivos para V. M. acetytar no Livro a vontade com que lho offereço. Guarde Deos a V. M. muytos annos. Lisboa 15. de Setembro de 1713.

Muito amigo, & fiel criado de V. M.

Luis Botelho Froes de Figueyredo.



PROLOGO.

Que escreverão religiosas, & doctas pennas, reduzio a numeros sonoros a minha devoção; não porque do meu instrumento, & das minhas vozes fie o agrado da popular lisonja; mas porque a hum grande beneficio de Santa RITA foy voto obsequioso este pequeno trabalho. O fim da historia he a verdade; escrever o que já se tem escrito, he acrescentar mais hũa testemunha aos successos. Fiz o Livro em verso, para temperar ao leytor esses escrupulos com a musica; quem todavia me condenar á repetição, não me offende com a censura, porque me reparo com a authoridade de Strabo: *Historiae finis est veritas, nec ostentationi, sed fidei, veritatique historia componitur.*

Lib. r.
de Ge-
ograp.

LICENÇAS DO S. OFFICIO.

Eminentissimo Senhor.

POr ordem de V. Eminencia vi o livro intitulado, **Corô Celeste**, da vida de S. RITA, cujo Author he Luis Botelho Froes; & porque nelle não achei cousa contra a nossa santa Fé, nem contra os bõs costumes, me parece se lhe pôde dar licença para que o imprima. V. Eminencia ordenará o que for servido. Lisboa em S. Francisco da Cidade, & de Outubro 9. de 1713.

Fr. Antonio de S. Thomàs.

Eminentissimo Senhor.

POr mandado de V. Eminencia vi o livro intitulado, **Coro Celeste** da prodigiosa vida da sempre Augusta, & Augustiniana Santa RITA de Cassia, composto pelo seu agradecido devoto Luis Botelho Froes de Figueyredo; & sendo muyto o gosto, que tive não só de ouvir prodigios tão estupendos, como tambem de ver o metodo de referillos tão elevado; não foy pequeno o desvelo com que li o livro todo, no qual não encontrando cousa que se opponha á nossa santa Fé, ou aos bõs costumes seja contraria, me parece obra digna, de que se dê logo á emprenta; não só pelos exemplares, que mostra á nossa conveniencia nos singulares favores, q̄ costuma fazer S. RITA, fazendo facil o que parece impossivel; sem duvida para nos ensinar que se nos impossiveis desfallece a nossa esperança, agora a poderemos segurar, quando de S. RITA nos quizermos valer; ficando certo, que ainda que para impossiveis não ha potencia. *Ad impossibile non datur potentia*; com tudo he tão poderosa S. RITA, q̄ he a Santa dos impossiveis: traça por certo do amor divino, q̄ não quer que em occasião algũa desfayem os nossos animos, antes sim ponhamos em Deos, & nos seus Santos toda a nossa esperança confiados; senão tambem porque as vozes deste Coro são testemunho autentico do agradecimento do Author, com o qual despertando aos q̄ sendo liberaes em prometter, são descuidados em pagar, acusa a todos os ingratos; que na verdade o são, os que se não lembraõ dos beneficios, como o disse o Seneca sentencioso 3. de Benefic. cap. 1. *Ingratus est, qui beneficium dissimulat; ingratus, qui non reddit; ingratus simul omnium, qui oblitus est.* He tambem este livro hũa prova evidẽ-

te do seu animo, & hũa confirmação indubitavel do seu entendimẽto; porque Pierio no liv. 19. *Verbo Aquila*, refere o caso de hũa Aguia se mostrar grata, a quem a livrou de hũ evidente perigo da vida; mas em quem se havia achar do agradecimento a prenda, senão em quẽ se descubrissem as subtilezas da Aguia? donde venho a inferir, que sobre ser o Author aguia discreta, quiz ser tambem aguia agradecida, & se a esta se deve de justiça a coroa, tenha a o Author, pois lhe he devida, já que tanto se remonta, & á obra pertença o publicarlhe os vivas: *Habent enim opera suam linguam, etiam tacente lingua legentis*, diz S. Cypriano. Lisboa, Convento de N. Senhora de JESU 15. de Outubro de 1713.

Fr. Joaõ de S. Theresa.

Vistas as informações pode-se imprimir a vida de S. RITA, de que trata esta petição, & impressa tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 17. de Outubro de 1713.

Hasse. Ribeyro. Rocha. Barreto.

DO ORDINARIO.

DAmos licença para que se possa imprimir a vida de S. RITA, de que esta petição trata, & impressa torne para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 28. de Outubro de 1713.

M. Bispo de Tagaste.

DO PAÇO.

Senhor.

Por mandado de V. Magestade vi com toda a attenção o livro da vida de S. RITA de Cassia, que se intitula *Coro Celeste*; nelle a chey materia tão elevada com que venturosamente o seu Author trata desta prodigiosa Santa, que sendo composta em quatro Còros Celestes, cuja poesia he em musica, temo não me succeda o que as historias dizem de Ulysses, que lhe foy preciso mandar prender ao mastro do seu baxel em que navegava, & obrigar aos mariantes seus companhei-

Cantic.
Canticor.
cap. 2. v.
12.

panheiros a que industriosamente tapassem os ouvidos, para que a melodia sonora das sereas que então cantavaõ, não lhes fizessem perder o rumo que na sua viagem seguiãõ. Porém vendo este livro, só sey dizer destes Còros Celestes com os Cantares: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit: vox turturis audita est in terra nostra.* Que conforme expoem o ALapide, aonde a nossa vulgata tem *cantationis*, lê elle, *tempus cantationis advenit.* Chegou o tempo de se ouvir a musica das flores na nossa terra, & não he isto menos milagre do que os muytos de que o livro trata. Porém o amor que o Author tem á Santa, como na obra mostra, tambem lhe ensinou a melodia da Solfa: disse-o Plutarco: *Amor musicam docet.* Em cuja sonora arte já notou Lucenci na sua Amaltea que se achão todas as sciencias, & artes: *Musica enim omnes comprehendit scientias.* Andou na verdade o Author mais venturoso que Anaximandro, porque se este foy o primeyro que reduzio ao pequeno de hũ mapa a extençãõ de todo o mundo, o Author no seu livro recopilou hũ Ceo aberto cá na terra, hũ Paraíso de flores Celestes, hũa escola de virtudes, hũa mina de riquezas, aonde como em aula podem os virtuosos aprêder; aonde os cultos tem que admirar, & os discretos muyto em que se suspender; pois he esta vida Celeste de S. RITA, alta contemplação que a muitos chama, quando a todos as atenções rouba. Como Ceo na multidão innumeravel de seus astros, como jardim na odorifera, & fragrante multiplicidade de suas flores, sendo tal o imperio dos seus dominios, que senhoreandose das almas, he suspensãõ das potencias, não ficando livre a quem a ler mais que a memoria para se lembrar de quantos impossiveis esta Santa pode vencer. Que se o invento da musica foy para que as virtudes se amassem, como diz Santo Thomás: *Cantus ad hoc inventus est, ut affectus hominis provocet in Deum;* nestes Còros Celestes tudo se acha, com que V. Magestade lhe deve dar licença para que se possa imprimir tão proveitoso livro pela sutileza de tão grande erudição, & utilidade para as almas, não tem cousa que encontre o Real serviço. Lisboa, Paulistas em 5. de Novembro de 1713. *Fr. Alvaro de S. Joseph.*

S. Thom.
2. 2. q. 91.
art. 1.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarã a mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 7. de Novembro de 1713.

Costa.

Botelho.

Pereyra.

Galvão.



C O R O
C E L E S T E.
P R I M E Y R A V O Z.

I.



DE RITA canto a vida, o nome, o brado;
Valhame Deos! o que me tem custado
De varias fantesias
Para romper em doces melodias
Cuidar que Musa invoque,
Que voz afine, que instrumento toque!
Sendo certo, que pede este argumento
Nobre Musa, alta voz, grave instrumento.

II.

Para assumpto divino
Que plectro era melhor, mais peregrino,
A Que

CORO CELESTE

Que effa LYRA com vozes sempre bellas,
 Que pulſa encordoada entre as Eſtrellas?
 Doce canto formára,
 Mas quem me não notára
 Fazer com novo eſpanto
 De aſſumpto feſtival nocturno canto,
 Tocando LYRA, bem que acorde toda,
 Que ſó da noyte á folha ſe accommoda?

III.

Inſpira tu ſuave,
 RITA divina! porque em voz mais grave
 Para os applauſos teus ouças velozes
 Eccos nacidos deſſas meſmas vozes;
 Participame innata eſſa doçura,
 Porque a clave de amor ſeja ternura,
 Farey que o mundo todo ſuſpendido
 Te renda agora o peyto pelo ouvido:
 A ti ſómente invoco, pois te adoro
 Muſa Celeſte do Celeſte coro;
 Sóltá da graça a liquida corrente,
 De que es pura Hypochrenne transparente;
 Já que o mundo tem ſede deſta historia,
 Refreſcalhe a memoria;
 Purificame a vea,
 Deſaſſombra o temor que eſpanta a idea,

Será

Será contra o poder das sombras denças
O primeiro impossivel que hoje venças.

IV.

Junto a CASIA, Cidade nessa UMBRIA,
Provincia, a quem deu nome a sombra fria
Atè que a luz que nella se enthesourá
Do nome antigo a mesma sombra doura:
Aqui na illustre Italia celebrada
Vivia desprezada
Huma aldea pequena,
Era ROCCA PORENA
A que pizada entãõ de altiva ferra
Em valle humilde o mesmo nome enterra;
Com quem do rio CORO a fina prata
(Que tal vez de outra rocca se desfata)
Quiz parecer izenta, porque escaffo
Faz ir ao rio por alli de passo,
Deixando só das aguas a avareza
Lagrimas á pobreza;
Mas o rio, que à pobre aldea toca,
Vio logo o seu cristal, cristal de ROCCA;
Teve o caso mysterio,
Porèm quiz escondello o sacro Imperio,
Atè que naceo RITA, & vio com brio
A quem deve a pureza o patrio rio,

Para cujo louvor, de entaõ canoro,
CORO, que naceo rio, ficou CORO.

V.

Pavelhaõ natural da fresca aldeia

Se admira hum promontorio, cuja idea

Soberba, & levantada

Foy penha nas Estrellas debuxada;

Cuja copia, que o Ceo quiz dar á terra,

Maquina errante foy parar na ferra,

Onde, como que espera

Tornar inda a subir á mesma Esphera

Sustentando o seu bruto desconcerto,

Para ficar mais perto,

Com nativos alentos, singulares

Alli ficou nos ares,

A que a Italica gente em patrio trôpo

Deu nome de SCHYOPPO,

De quem por tradiçaõ de antiga historia

Ha constante memoria

Com singular fineza,

Que na morte do Author da natureza,

Empenhado na dor, na magoa pura,

Tremèra o coração da penha dura;

Era patria de RITA soberana,

E para a dor da morte deshumana

PRIMEYRA VOZ.

5

Ambas daõ, porque a magoa se conheça,
A ROCCA o coração, RITA a cabeça,
A cuja altiva fronte
Sagrado abrolho imagem fez do monte.

VI.

Esta foy nesse Laco celebrado
Patria de RITA, berço sublimado,
Donde, já que hoje a Musa se deteve,
Passe agora da vida ao canto breve:
Ah fim, que me esquecia!
Dizendo onde naceo, de quem nacia
Nenhuma cousa disse,
(Inda não vi Poeta sem tontisse)
Ninguem porèm se agaste,
Que eu direy da ascendencia quanto baste,
Para deyxar de ser estylo bronco
Passar ao ramo sem fallar no tronco.

VII.

Era ANTONIO MANCINI o grãde Antonio,
De cujo matrimonio
Naceo RITA, depois que venturosa
Lhe deu AMATTA FERRI amaõ de Esposa;
Sendo FERRO o renome entaõ prezado

Que a mãy fundio no thalamo engraçado,
 Doce fragoa do honesto defafogo,
 Onde o Deos Hyminêo he Deos do fogo,
 Trocandose o metal em metal louro,
 O que he FERRO na mãy, na prole he ouro,
 Porque a Divina maõ que tudo ordena,
 Faz que em ROCCAPORENA
 Para o metal trocar, que se deseja,
 Pedra Philosophal a ROCCA seja.

VIII.

Menos a pompa (tumba appetecida
 De toda a humana vida,
 Falso tumulo nobre
 Onde o borcado as mortaes cinzas cobre)
 Tinhaõ seus pays em possessão segura
 Desses bês da ventura
 Honrado patrimonio, qual na aldea,
 Não tinha que envejar á sorte alhea,
 Alli sem mais cuydado
 Que ver do manfo gado
 Correr o cordeirinho enternecido,
 Que no tenro balido,
 Na queyxa natural, que doce afina,
 A' mãy pede a sustancia cristalina:
 Ver noutra parte como corre o rio

PRIMEYRA VOZ.

7

Pelo bosque sombrio,
Harpa de prata, a cujas doces claves
Saõ solfistas as aves;
Escutar os amores
Que namorado o Sol tributa ás flores;
Ignorar o cuidado, que consome
(E nem faberlhe o nome)
Neste bello soffego
Este era o seu emprego,
Fortuna appetecida
Para quem sabe só que cousa he vida.

IX.

Era o temor de Deos, o culto sacro
Hum vivo simulacro
Dessa ley verdadeyra
Que aquelle par feliz guardava inteira,
A cuja imagem para immortal culto
Que o temor fez de vulto,
Nas obras que o respeyto lhe dedica,
Hũa vida innocente thurifica:
Era de quando em quando
Das discordias da aldea hum Iris brando;
Soffegava alteradas as vontades,
Compunha as amizades,
Por cujo nobre emprego, alto cuydado

Teve

Teve de Anjo da paz celeste brado.

X.

Quando então por decretos soberanos
 Setenta, & dous contava dos seus annos
 (Segundo melhor conta)
 Na decrepita idade (que isto monta
 Hũa velhice para a prole avara)
 AMATTA como SARA
 Concebeo (porque fora assim preciso)
 Filha, que como ISAC fosse o seu riso,
 Sua doce alegria,
 Honra de Italia, credito de UMBRIA.

XI.

Já dos finaes de mãy certificada
 Na idade prolongada
 AMATTA discorria attentamente
 Duvidando do mesmo que em si fente:
 Como naquelles annos sem espanto;
 Os carinhos de amor pudefsem tanto,
 A si mesma pergunta ; mas o effeyto
 Cada vez mais instava ao seu conceyto;
 Deste cuydado entaõ na amarga luta
 Ao Ceo recorre, hũ Paranymphe escuta,

Por

PRIMEYRA VOZ.

Por quem esse Senhor do sacro Imperio
A segura do parto, & do mysterio;
Sugeyta-se ao governo Omnipotente,
Corre a noticia, leva o pasmo a gente,
E naquella balança
Fica o mundo pendente da esperança.

XII.

Chegou do nascimento
Preciso, suspirado esse momento,
Em que do natural, materno feyo
A' luz o parto veyo;
Com reciproco, igual, prazer jucundo
A RITA o mundo vio, vio RITA ao mundo;
A mãy sómente estava
Como suspensa, vendo o que passava,
Livre daquella dor (caso impensado!)
Que he de todas as mãys risco prezado,
Porque da filha bella, flor serena
O nascimento vio sem dor, sem pena;
Entre amorosos laços
Toma logo nos braços
Este amado feytiço, este portento,
E para darlhe o candido alimento
Por hũa mesma acçaõ, que amor explica,
A filha aperta quando o peyto applica.

XIII.

Contava aquella humana luz que ardia:

Do seu feliz natal o quarto dia,

Que seus pays destináraõ (caso estranho!)

Pará o sagrado banho:

Agora vejo em claro parallelo,

Que o Sol foy desta luz nobre modello;

Vá comigo o leytor sem sobresalto,

Demos no Firmamento agora hum salto;

Nesse dia dos dias o primeyro

Fez Deos a luz, que no Celeste outeiro

Para tal monarchia

Foy Sol depois formal no quarto dia,

De cujo ethereo fogo as puras agoas

São cristalinas fragoas,

E com prudente apodo

São bautifmo do Sol polo seu modo;

Naõ de outra sorte RITA soberana

Deste terraqueo globo luz humana

No primeyro orizante,

No quarto dia foy na sacra fonte

Sol formal, que nas agoas nos parece

Que depois do bautifmo he que amanhece;

Bempòde o parallelo ser louvado,

Pois ao Ceo foy buscallo o meu cuydado;

Nada

Nada o leytor perdeo nesta jornada,
Foy buscar este apodo, & sabe a estrada.

XIV.

Aqui vos direy eu, que agora he ella:
Que nome se ha de dar á filha bella
Em letigio goftoso
Começa a disputar o par ditoso:
Que cousas tão galantes
Tem Deos por alto modo extrayagantes!
Pareceme que tenho agora á vista
A mesma controversia do Bautista;
Porèm lá do mysterio que se encerra
Resolveo-se a questaõ na mesma terra;
Aqui na amante, na feliz contenda
Escutase huma voz muy reverenda,
Que dessa immensa altura
Destillando nos ècos a doçura,
Diz, que aquella menina,
A quem para altos fins o Ceo destina
(Para que o calo de hũa vez repita)
Dispunha o Ceo que se chamasse RITA:
Foy nome singular, foy nome novo,
Accommodaõ-se os pays, & pasma o povo.

Depois todos os sabios Escriptores

Da noticia amadores

Trabalhaõ, do impossivel sem ter medo,

Por dar daquelle nome no segredo,

A todo humano engenho

Por temerario julgo neste empenho;

De forte, que com mingoas

Ignoramos do mundo as mais das lingoas,

E sem que seja afronta

Nenhum vi, que de todas desse conta,

Sò na que foy celeste lingua nova

Quer o nosso discurso fazer prova?

He bastante ouzadia!

Porèm valha a verdade, toda via,

Taes finaes daõ do nome, em que consiste,

Que estou para dizer que daõ no chiste;

Escritor ouve, que com pico agudo

Depois de largo estudo

Disse do nome, que hoje ao mundo espanta,

Que no santo caminho da ley santa,

Do veneno mortal já mais infecta

Era o mesmo ser RITA, que ser RECTA;

A verfaõ foy bonita,

Porèm seja o que for, eu sey que he RITA.

XVI.

Entrou no quinto dia,
 E cada instante a graça lhe chovia
 (Outra temos melhor do que a passada,
 Que como na que está predestinada,
 O Ceo às vezes destes lances gosta,
 Estava de mão posta,
 E de unos, porque a graça resplandeça,
 Segundo quebradeiro de cabeça)
 No berço reclinada
 A recém bautizada
 Se achava, quando entrou bem de repente.
 Hum numeroso enxame transparente,
 Busca a terra bonina,
 E com teyma Divina
 As candidas abelhas fervorosas
 Libaõ dos beiços as purpúreas rosas,
 (Cousas ha, que não cabem no conceyto!)
 Parte a boca occupava, parte o peyto,
 E depois de fazer vistoso alarde,
 Retiraõ-se as abelhas pèta tarde.

XVII.

Eis o docto Escriptor já fervoroso

(Ou seja por devoto, ou por goloso)

Trabalha com ventura

Por provar deste mel toda a doçura:

Cançase, & nada disto he sobre posse,

Que o mel que põem nos beiços he muy doce;

Descobre mil apôdos

Ao favo encaminhados por mil modos:

Hora permitame hoje este incidente

Huma nesga se quer de maldizente;

Naõ teve RITA lá na adulta idade

Por penhora da amizade

De seu Divino Esposo

Hum dos sacros Espinhos doloroso?

Pois se alli sobem tanto estes favores,

Como ha menos azafema de Authores?

He porque ha, como entende a musa minha,

Mais bocas para o mel, que para a espinha;

Aqui deve de estar (coufa tão velha)

O segredo da Abelha;

Fazem bem de escrever tão doces glorias,

Que eu com mel tão bem gosto das historias.

XVIII.

Em fim desse tão doce, alto argumento

Sahio aquelle nobre pensamento,

Que com discreto voo nos aviza

Do que o candido enxame symboliza;
 He nessa antiga Italia decantada
 A casa BARBERINA celebrada,
 A cujo illustre escudo
 De Abelhas ennobrece enxame mudo;
 Depois foy ramo deste tronco bravo
 O santissimo Padre Urbano Oitavo,
 Que foy nas santas honras que lhe applica,
 Quem de RITA a virtude beatifica,
 Logrando RITA os cultos com parellas,
 Ou no berço, ou na Igreja por Abelhas:
 Confesso que este symbolo me agrada;
 Já louvo dos Authores a empreytada,
 Pois que no mel com taõ gostosa treta
 Se fez a golodice taõ discreta.

XIX.

Nunca permita Deos que nesta historia
 Me escape circumstancia para a gloria:
 O caso passa avante,
 De cada vez mais raro, & mais galante;
 Este mesmo milagre,
 A quem memoria eterna se confagre,
 Se está vendo hoje em dia
 Na Provincia de UMBRIA,
 Na Cidade de CASSIA, no Convento

Que

Que de RITA he perpetuo monumento;
 Alli na mesma cella
 Que foy de RITA bella
 Se conserua este enxame com ventura
 Professando silencio na clausura;
 Assim está todo o anno
 Com pasmo soberano
 Comprimindo prudente
 O natural susurro reverente
 Em perpetua abstinencia, successiva,
 Sem já mais se saber de que alli viva;
 Mas tanto que do VERBO sacrosanto
 Se repete a Payxão no tempo santo,
 Com pasmoso rumor, magoa afinada
 Saye da cella, busca a da Prelada,
 Como a pedir licença (alta humildade!)
 Para poder gozar da liberdade;
 Caminha para o Coro,
 Onde o musico estrondo he fino choro,
 Que a natureza alterna nesses dias
 Entre as lamentações de Jeremias;
 Chega a Paschoa, & supposto o tempo passa,
 Inda fica gozando a mesma graça
 Esta clara, volatil companhia,
 Atè que em Mayo vem de RITA o dia,
 E depois de libar toda a floresta
 Se mete na prisaõ de pois da festa:

Deste raro prodigio, soberano,
 Foy nobre testemunha o mesmo **URBANO**,
 Que presas em redoma cristalina
 Teve Abelhas, & vio que a mão Divina
 Em **CASIA**, como em **ROMA**,
 As sustenta na cella, & na redoma
 Pelo modo sutil, com que lhe acode,
 Reservado a quem só sabe o que pòde;
 Elle as solta benzendoas felizmente,
 Confessando o poder Omnipotente,
 E as Abelhas alegres, singulares
 Na estafeta que tomão pelos ares
 Para **CASIA** se vão, para que inteyras
 Vivão juntas às suas companheyras.

XX.

Pòde tanto este assumpto peregrino,
 Que me faz inda agora ser menino,
 Pegueyme ao berço por tão doce modo,
 Que na contemplação absorto todo
 Julgava o pensamento em tal cuydado,
 Que era o mesmo pensar, que ser pensado;
 Acho nelle hũa graça tão subida
 (Com isto me embalarão toda a vida)
 Que quanto mais dilcorro,
 Tanto mais pelo berço agora morro;

He pasmar ver tão grandes maravilhas
 Inda agora em mantilhas;
 Foy mar o berço de immortaes favores,
 Em que á maneira o Ceo dos pescadores,
 Sendo do anzol Divino isca as memorias,
 Nas envoltas do berço pêsca as glorias:
 Para RITA (o successo he bem notorio)
 Era o berço deserto, era oratorio,
 E porque o diga com melhor estudo
 Era o berço manná, sabia a tudo.

XXI.

Chegava a festa feyra na somana
 (Maravilha por certo soberana)
 Dia por tantos titulos sagrado,
 Para a Payxão de Christo destinado;
 No espaço deste dia doloroso
 Era o berço hum deserto rigoroso,
 Pois nelle por altissimo respeyto
 A pueril abstinente engeyta o peyto:
 Quando David bebeo por seu deleyte
 A esperança no leyte
 (Acção tão decantada)
 Fez á vista de RITA quasi nada,
 Porque eu tenho por gloria mais serena,
 Deixar o leyte por beber a pena.

XXII.

Do mesmo berço como na conquiſta
 Tinha o Ceo ſempre á viſta,
 E daquella atalaya os olhos bellos
 Guardão de ſentinellas os diſvellos;
 Alli do pranto a doce bateria
 Diſparando talvez a artilheria,
 Faz minas ao deſejo o deſafogo,
 Que em polvora de neve accende o fogo;
 Aquelles tentos olhos, peregrinos
 Erão do Ceo morteiros criſtalinos,
 Onde as lagrimas ſão por ſemelhança
 Bombas de amor, com que a vitoria alcança.

XXIII.

Pendente da parede alli ſe nota
 Huma imagem devota,
 Que mais que da parede docemente
 Do madeyro ſagrado eſtá pendente;
 Para eſta imagem logo a viſta inclina,
 Apartandoa do Ceo (acção Divina,
 Digna por certo de immortal memoria!)
 Porque onde via a Deos, buscava a gloria;
 Do ſeu grande alvoroço então preciso,

Era certo final o doce riso,
 Mas como contemplando na lançada
 Em fonte recolhia tão sagrada
 Dos seus olhos o rio nunca enxuto,
 Tornandolhe a offerecer este tributo,
 Porque dalli correffe (raro espanto!)
 Misturado entre o sangue amargo pranto.

XXIV.

Deyxo o berço, acompanho agora a idade;
 E que direy da fresca mocidade?
 Direy que a flor mimosa dos seus annos,
 Desprezando de Abril doces enganos,
 Por legurar a eterna primavera,
 Em consagrar-se a Deos he que se esmèra:
 He toda a flor Ephymera de hum dia,
 Agora flor, & logo cinza fria,
 De cujo alento he já defanimado
 Cemiterio florido o mesmo prado;
 Mas esta flor Divina,
 Cortando pela gala matutina,
 Desse Divino fogo por seu gosto
 A pompa queyma no abrazado Agosto.

XXV.

A idade, que dourada,

Relampago de flor, foy breve náda,
 De hum nobre defengano com tal medo
 Passou tanto em segredo,
 Que depois de passada sem verdura,
 Então se sabe, porque o tempo o jura:
 Os eternos deleytes
 Erão os seus enfeytes,
 Suas galas Divinas
 São cilicios, jejús, são disciplinas;
 Que naquellas que sabem ser briosas
 Só estes os sinaes são das fermosas:
 As aguas dos seus olhos por seu gosto
 Erao as do seu rosto;
 O seu mais claro espelho, mais prezado
 Do Santo Crucifixo era o seu lado;
 Assim se quiz toucar por estas modas,
 Por se enfiar para as celestes vodas.

XXVI.

O' quantas vezes sey que succedia
 Ser hora de comer, & com porfia,
 Como quem d'alma tão sómente trata,
 No seu santo oratorio se dilata,
 Negandose ao sustento!
 Aqui se via bem que a vida he vento,
 Pois dos melmos suspiros que espalhava,

Attrañindolhe o ar, se sustentava;
 Na Igreja era o retiro,
 Primeyro movimento do seu gyro;
 Nunca largára aquelle doce engodo,
 Se tivera eleyção no tempo todo;
 Isto era (não me espanta)
 Hydropesia santa,
 Pois vivia do trafego que engeyta
 Sempre apartada, nunca satisfeyta.

XXVII.

Como era este exercicio taõ frequente,
 Hum dia brandamente
 Lhe disse a mãy, culpando o seu disvelo,
 Que era bem repartir aquelle zelo,
 Que he razão que na aldea já se entenda
 Que toma o bastidor , a agulha , a renda,
 Por senão ver depois na adulta idade
 Privada desta nobre habilidade,
 E ser este argumento
 Negação de hum mimoso nacimiento;
 Sorriuse RITA, respondeo sincèra,
 Que isto estava muy bem, senão soubera;
 Que se fizesse exame a todo estudo,
 Porque ella estava prompta para tudo;
 A palavra não estava bem formada,

Já vinha o bastidor, vinha a almofada,
 Mas ella de vaidade sem ter sombra,
 Bastidor, & almofada, em tudo affombra;
 Fica suspensa a mãy, pasmada a aldeia,
 De quem RITA rizonha galantea,
 Dizendo a quantos tinha o pasmo tontos,
 Que cousa vinha a ser o dar dous pontos?
 Que cousa vinha a ser? (diz RITA bella)
 Mostrem-me outra como ella:
 Cozer, bordar sem mestra, fazer renda!
 He por certo hoje á vista desta prenda
 A primeira, em quem vio a minha Musa
 Para bordar, cozer, sciencia infusa.

XXVIII.

Naquelles exercicios soberanos
 Dos sete para os doze dos seus annos
 Gastava o tempo aquella flor mimosa,
 Que a Deos dera palavra então de Esposa;
 Nada do mundo a aballa,
 Aborrece a vaidade, engeyta a galla,
 Despreza o luxo, a todas era exemplo,
 Das attenções da aldeia humano templo;
 Dos pobres era em casa medianeyra,
 Foy sua dispenseyra,
 Do seu proprio sustento

Com elles repartia o mantimento;
 Da materna ternura
 Muytas vezes tirava com brandura
 As esmolas que dava,
 (Que este era o nobre emprego em q̄ cuidava)
 Outras vezes com traças;
 (Porque em todos os modos tem mil graças)
 Em fim de dar esmolas fez estudo,
 Tudo pedia sempre, & dava tudo.

XXIX.

Agora te suplico (ò pasmo nobre!)
 Que a natureza em ti se não çoçobre,
 Porque canto de RITA hũa grandeza,
 Que assombro foy da humana natureza;
 Quiz por amor de RITA a mão Divina
 Para Italia mudar a Palestina;
 Já hoje a sua casa se nomea,
 Rica Thebaida da feliz aldea;
 Do claro Hilariaõ, Pacomio Santo
 Aparta por hum pouco o raro espanto;
 Simeão Estilita
 Deixa agora de ver, para ver RITA;
 Hoje muyto mais perto
 Solitario verás mayor deserto;
 Não verás aqui bosque, penha, ou planta,

Aye,

Ave, rio, animal, (o caso espanta!)
 Nem luz do Sol verás, pois na verdade
 Té disto fica hum ermo a soledade,
 Onde se vê que RITA renuncia
 Da mesma natureza a companhia.

XXX.

Descobre em sua casa (couisa nova!)
 Hum lugar subterraneo, era hũa cova,
 Gruta tolca, onde atè violentamente
 Do dia a mesma luz he penitente;
 De cuja informe fabrica afigura
 Melhor o tacto, do que a vista jura;
 Metida neste lugubre aposento,
 Sem mais luz do que a luz do entendimento,
 Assistida de auxilio soberano
 Habitou mais de hum anno,
 O tempo, que sem ser por modo ingrato
 Da mãy roubava sempre ao doce trato.

XXXI.

Nas paredes alli da penha escura,
 (Lamina em sombras) com sutil ternura,
 (Pincel da devoção) feliz pintava
 Os mysterios divinos que adorava:

Alli fez converter em lingua as cores
 Para explicar do peyto os seus amores,
 E para os intimar com mais viveza
 Se valeo da pintura a natureza,
 Mostrando nesta parte
 Que atè para ser Santa se quer arte;
 Apenas debuxava as copias, logo
 Por poder velas se acendia em fogo,
 Sendo a Divina luz a que supria
 A ausencia natural do claro dia,
 De que a concava gruta se desterra,
 Onde o pè mal distingue a mesma terra;
 Quando mais descuydada
 Aqui está retirada
 Ha quem de seu E sposo então se preze,
 Vendo-a já dos seus annos nos seus treze.

XXXII.

Tratavão de casalla nobremente,
 Porque a fama do agrado reverente
 Para avivar de amor amantes brazas
 A noticia das prendas poz nas azas,
 De que o primeyro movimento logo
 Faz que então daquelle ar se acenda o fogo;
 Já não ha Salamandra namorada,
 Que não tenha por gloria desejada

Da viva chama a fragoa successiva,
 Para mostrar que nasce em chama viva:
 Chegavalhe o rumor já pouco a pouco,
 E de RITA este susto era o seu coco;
 Tal medo tinha deste amante enredo,
 Que chega a confessar, que tinha medo;
 A' mãy descobre o peyto,
 Dizlhe, que o nobre impulso, alto respeyto
 Deste amante, que gloria immortal goza,
 Fizera prometterlhe a mão de esposa,
 Que inda não sendo em rigoroso voto
 Tinha desejos de não velo roto,
 Pede auxilios á mãy, que em tal espanto
 Aos suspiros que onvio responde em pranto,
 Mas para navegar o mar que anhela
 Desses mesmos suspiros se enche a vela.

XXXIII.

Reparastes da praya soffegada
 Como quando hũa nao empavezada
 Entregue do cristal ao falso rizo
 Quando o doce Favonio faz avizo
 Abre alegres as azas na esperança
 De que o mar lisongeiro he mar bonança,
 E neste falso agrado o gosto absorto
 Apetece o descanço, & deixa o porto?

Pois affim dos fufpiros que violenta,
 Ignorando a tormenta,
 Quando a mãy por contrario movimento
 Quer a tranquillidade, fegue o vento.

XXXIV.

Começa a rebater da filha o rogo,
 Para cujo fim logo
 Propunha huma velhice já cançada,
 Trazialhe á memoria a casa honrada,
 O largo patrimonio,
 De que era a fucceffão no matrimonio
 Hũa estatua, a que o tempo não confome,
 Na qual dos pays fe immortaliza o nome;
 Authorizava o brado
 Do applaufo que merece aquelle estado,
 Pois alèm da primeyra antiguidade,
 Que lhe dava hũa grande authoridade,
 Com melhor fundamento
 Era tão Santo, que era Sacramento;
 Alli lhe diz que o Ceo tambem fe agrada,
 E fobre tudo brada.
 O Divino preceyto,
 Que do patrio refpeyto
 No quarto Mandamento nos declara,
 Qual deve ter hũa obfervancia rara;

Tudo

Tudo RITA lhe ouvia,
 E como a nada então se resolvia,
 Dandolhe prazo certo,
 Foyse a mãy, ficou RITA neste aperto.

XXXV.

Chegavase esse dia affinalado,
 Ultimo termo para o novo estado,
 Em que de RITA a mãy então se vera
 Pela reposta espera;
 Achavase entretanto
 Entre affombro, entre espanto
 RITA tão indecisa,
 Que outra resolução lhe foy precisa;
 Se olha alli para Deos, já considera
 A palavra de Esposa que lhe dera;
 Se volta para os pays, já parecia
 Que o quarto Mandamento a constringia,
 Termos, em que na duvida em que estava
 Deos era o que a detinha, & que a obrigava;
 E como só Deos era o que a disvella.
 De Deos a Deos appella;
 Hum dia resoluta
 Pede licença á mãy (que attenta escuta)
 Para que da reposta que deseja
 Lhe deyxé ouvir o Oraculo da Igreja;

CORO CELESTE

Assim se lhe outorgou, ficou contente,
 E desde a luz primeyra do nacente
 Na seguinte manhã tè que o Sol morre
 Com Deos consulta o caso, em que discorre
 A vontade inflammada,
 Deyxando-a todo o dia transportada;
 Não procuro afirmar, nem levemente,
 Que foy revelação quanto alli fente,
 Relato ao pé da letra esta memoria
 Assim como a verdade a fez notoria;
 Do letargo amoroso
 Em que nos braços do Divino Esposo,
 Parece que alli esteve reclinada,
 Acordou RITA então já sossegada
 Daquella tempestade,
 E rendendo a vontade
 Ao paternal dictame
 Depois de tão sutil, tão raro exame,
 Da velhice animandolhe a esperança,
 De seus amados pays aos pés se lança.

XXXVI.

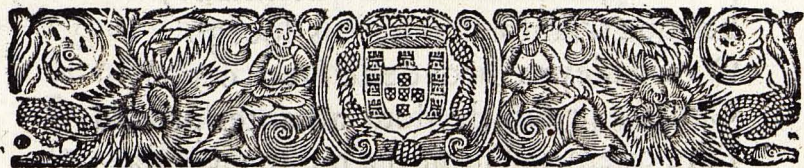
Qual fosse nesse dia
 A gostosa alegria
 Mostrão bem dos paternos, doces braços
 Os extremos que fazem fortes laços;

Nelles a filha apertão peregrina,
(E foy RITA outra vez aqui menina)
Ao còllo novamente
Se vio de amor em throno taõ decente,
Que adorada dos pays em profecia
Era o primeyro altar , a que subia;
Espalhase esta nova pela aldeia,
Nos amantes começa a fina idea
A mostrar os cuydados,
Que os faz na pertenção mais dilvelados;
Elege o pay de tanto pertendente
O que então pareceo que he mais decente,
Por cabedaes, nobreza, & por pefloa
(E ás vezes mente tanta coufa boa)
Que por coufa affentada
Saõ todos os maridos como a espada;
Na tēda muy burnida , & muy direyta,
Onde a Deos, & á ventura então se aceyta,
Para se ver depois no lance a folha,
Quando remedio já não teve a escolha;
Ao thalamo ditoso
Affina o pay o dia venturoso,
E desde aquelle termo destinado
Passa RITA sugeyta a novo estado,
Cuja noticia, porque mais conteste,
De no segundo canto a voz celeste.

PRIMEIRA VOZ

Nestes dias que os portugueses
 (E loy R.T. A carta vez a qual minims)
 Ao collo novo mentes
 Se vio de aizer em thozas de aizer
 Que ahozados paze em thozas de aizer
 E o pinozito aizer a qual aizer
 Espalhar aizer nova paze aizer
 E os aizeres comeca aizer aizer
 A mozar de aizer aizer
 Que os aizer na paze aizer aizer aizer aizer
 Elege o paze de tanto paze aizer aizer
 O aizer aizer paze que aizer aizer aizer
 Por aizer aizer aizer aizer aizer
 (E aizer aizer aizer aizer aizer)
 Que por aizer aizer aizer aizer aizer
 Saõ todos os aizeres como aizer aizer
 Na teõs aizer aizer aizer aizer aizer
 Onde aizer aizer aizer aizer aizer
 Para loz aizer aizer aizer aizer aizer
 Quando aizer aizer aizer aizer aizer
 Ao thimo aizer aizer aizer aizer aizer
 Aizer o paze aizer aizer aizer aizer
 E debe aizer aizer aizer aizer aizer
 Para R.T. A carta aizer aizer aizer aizer
 Que aizer aizer aizer aizer aizer aizer
 Como aizer aizer aizer aizer aizer aizer





C O R O
 C E L E S T E.
 S E G U N D A V O Z.

I.



DE quantas vezes desejey canoro
 Cisne do Erice no Castalio Coro
 Modular junto á doce Cabalina
 Ferindo grave a cithara Divina;
 Nunca mais doce nesse sacro monte
 Bebèra o licor puro á clara fonte,
 Que hoje, que hey de animar com novo espãto
 Nova voz para o coro em novo canto.

II.

Canto agora esse thalamo engraçado

E

Para

CCRO CELESTE

(Para Hyminêo mais alto destinado,
 Em que triunfará com mais locego
 O verdadeyro Deos desse Deos cego)
 Canto a prisaõ de dous amantes prenda,
 Para quem dá Cupido a mesma venda;
 Canto a amante porfia,
 Em que a doce, affectada covardia
 Do pueril arrojõ,
 Tendo alli por vitoria o ser despojo,
 Rende a setta, a que o gosto (assim me soa)
 Tira a penna violenta com que voa:
 Mas onde me arreбата o pensamento?
 Suspendase hoje a voz deste instrumento,
 Em quanto a historia, em quanto
 A musica converte em triste pranto.

III.

Que horror fariaõ no conceyto humano

As estações do anno,

Se todas foraõ com pezar interno

Hum rigoroso inverno?

Se a fresca Primavera que namora

Do tempo como Aurora

Entre flores suaves . II

Com musicas das mais canoras aves

Não desse aos annos tão feliz entrada

Por huma alegre porta tão dourada,
 Que estranheza o Dezembro lhe faria,
 Se tudo fosse sombra, ou neve fria?
 Pois isto, a que do tempo a varia roda
 Inda insensível nunca se accomoda,
 Dando tanta alma á dor, sem que çoçobre,
 Tanto sensível mais, quanto mais nobre,
 Sente RITA no esposo a tudo opposto,
 Vendo ella sem turbar fereno o rosto
 Por fazer da penosa vida ensayo
 Que o thalamo em Dezembro troca o Mayo.

IV.

Onde estavas: (ò ROCCA peregrina!)
 Que não bayxas da serra cristalina
 A valer a quem sey que to merece,
 E nos primeyros laços já padece?
 Que acertado que fora,
 Que de Nimpha melhor fosses agora
 Resgate nobre, como felizmente
 Outro rochedo o fora antiguamente,
 E que em pena de tanto atrevimento
 Pudeffe alli violento,
 Quando esse monstro informe aperta os laços,
 Ver que outra penha lhe carrega os braços!

V.

Assim como na esphera

Dessa nuvem que o gera

Sem fazer mais ensayo

Percebido o trovaõ se espera o rayo,

Não de outra sorte no primeyro dia,

Perturbando a alegria

O orgulho natural do noivo ingrato,

No mais agreste trato,

Prometiaõ velozes

Rayos nos olhos os trovões das vozes;

Tudo R I T A notava, mas fezudo.

Ficava o sofrimento Iris de tudo:

VI.

Quando como he costume os convidados,

Da alegria obrigados

A's delicias que entaõ guiza a fineza

Se entregaõ do banquete na grandeza,

Onde a doce alleluya nacarada

No purpureo licor taõ festejada

Como fino se explica,

Que quando empina o copo he que repica;

No tempo em que com gloria successiva

He tudo o que se escuta hum mero viva,
 RITA só penitente
 Com pretexto decente
 Se abstinha dos manjares;
 E quando o gosto andava pelos ares,
 Ella cuydando no que mais lhe importa,
 Na delicia do Ceo se achava abforta.

VII.

As galas que vestia
 Mais por uso forçado desse dia,
 Que por propria vontade
 (Em noyvas com bem rara novidade)
 Disfarção por officio
 Bem aspero cilicio,
 Que sem ouvir a queyxa então do leyto
 Trazia á flor do peyto,
 Mortificando o corpo, quando he fama,
 Que do seu mimo cuida toda a dama
 Quando com permittida, honesta idea
 Para o thalamo alegre o lisongea.

VIII.

Acabava-se a festa, entrava a noyte
 (Agora me he precilo que se affoyte

CORO CELESTE

A Musa que do espanto está cativa,
 Festival toda a nobre comitiva,
 Cuydava de partirse,
 Tratando cada qual de despedirse;
 Dos pays a idade com semblante ledo,
 Tambem pedia recolherse cedo;
 Brevemente se ausentão, mas gostosos
 Sobre os noyvos que esperão venturosos
 Deitavão muytas benções, nunca escaças,
 E não sey se dizendo quatro graças,
 Honestas, festivaes galantarias,
 Permittidas aos pays naquelles dias,
 Artificio de amor na cor que apura,
 Que faz mais engraçada a fermosura,
 Quando no rosto com purpurea tinta
 Do pejo natural a imagem pinta.

IX.

Acabado isto tudo,
 Toda a casa occupou silencio mudo;
 RITA porèm de orar não satisfeyta
 Daquella doce pausa se proveyta
 No tempo (inda que breve) que roubava
 Ao thalamo, a que já se destinava;
 Incendio, de que occulta o vivo fogo,
 Porque os passos do esposo sentio logo;

Recolhem-se, onde agora com tristeza
Na boca deste lobo deixo a preza.

X.

Quem vio já mais a sede quando ardia
Ter odio natural á neve fria?
Quem vio que flor Gigante
Siga ao Sol sem dos rayos ser amante?
(Cousas ha na verdade,
Em que inda á vista nega a novidade)
Tão grande o rancor era
Nesse esposo de RITA, (ou nessa fera,
Cujos soberbo natural, impuro
Gerára nessa Hyrcania hum Tigre duro)
Que do appetite natural o fogo
Tendo naquella neve o desafogo
Em quanto o matrimonio justo, em quanto
Tempera aquelle ardor por modo santo;
Achando em RITA para os seus amores
Luz, que pudera ser o Sol das flores,
Se de seguir a luz mostrava ensayos,
Era sempre inimigo dos seus rayos,
Pois sempre aquelle ardor por tacto breve
Foy, se se mitigou, queymando a neve;
Principalmente então, negando ingrato
Aquelle doce trato,

Que

Que por taõ bellos modos
O tenro sexo deveo sempre a todos.

XI.

Que occulta providencia!, que escondida
Encerrou sempre o livro desta vida!
Para humanos disvelllos
Livro sempre fechado a sete fellõs,
De que apenas o mundo inda atègora
Solettra aquillo que se vè por fóra;
O legredo só sabe o verdadeiro,
O Divino Cordeiro,
Que como em Pathmos, lá na altiva ROCCA,
De expollo elle só digno, elle só toca.

XII.

Do marido era em tudo escandaloso
Taõ solto o natural libidinoso,
Que da torpeza nesse vil enleyo,
Que o mundo introduzio por galanteyo,
Da abominavel vida em todo o espaço,
De toda a liberdade se fez laço;
Entrou na pertençaõ de RITA bella,
E vendo com cautella,
Que disfarçar lhe importa,

A viva

A viva braza esconde em cinza morta;
 Bem mostra já nos vicios que exercita,
 Que os cabedaes buscou, não buscou RITA,
 Porque da suspensão que teve urgente,
 Tomou forças o impulso que hoje sente.

XIII.

Vistes já de hum regato a pobre vea,
 Quando mal cobre essa dourada areia,
 Onde a voz natural, que está sumida,
 Nem para a queyxa a tem, nem para a vida;
 Que se acaso detendo o curso breve
 Houve quem lhe fizesse preza á neve,
 (Para o que entãõ sobeja a humilde poça)
 Naquelle pouco tempo que se engrossa,
 Tal furia estuda em quanto se deteve,
 Que ao romper as prisoẽs a manfa neve,
 Soberba entãõ nos passos mais velozes,
 Faz clara confusão de aguas, & vozes?
 Pois tal o natural deste marido,
 No pouco tempo que se vio detido
 Tal impeto segura,
 Que no primeyro impulso da sôltura,
 No thalamo que amor por campo teve,
 Afoga logo a flor na margem breve.

XIV.

Toda a noyte que aos mais naquelle estado
 He fantasma do sono mais pezado,
 A quem galante a sombra mete medo
 Para deixar gozar de hum bem taõ lédo,
 Onde amantes anhelos
 Fazem merecimento dos disvelos;
 Naquelle peyto astuto
 Foy taõ tosco o melindre, foy taõ bruto,
 Que fazendose alli já de outro bordo,
 De parecer grosseyro fez acordo,
 Mostrando em tibio fogo o peyto frio,
 Que era achaque mortal tanto fastio.

XV.

Vinha rompendo a luz (que entaõ tardava,
 Como quem se amuava
 Por ver hum geneo taõ sanguinolento)
 Quando o feroz esposo já violento
 Com faudades da vida depravada
 Se levanta a esperar a madrugada;
 Descobrio brevemente o claro dia,
 A antigua, natural physonomia,
 Cujó brilhante enleyo

Sendo dos velhos pays nobre correyo,
 Aos noyvos pelo modo mais attento
 Veyo fazer o usado cumprimento:
 Recebe RITA alegre esta embayxada,
 E ficandolhe a dor reconcentrada
 Com natural prudencia
 Cubria na politica apparencia
 A pesar da tristeza que occultava,
 Quanto o soberbo noyvo a desprezava.

XVI.

Quando estava cuydando
 Na desculpa affectada o peyto brando
 Da esposa mais prudente,
 O furor impaciente
 Daquelle noyvo ingrato
 Só cuidava em gozar do antigo trato,
 Sem que amor o cative,
 Como quem só do escandalo he que vive;
 Contra o costume usado,
 Que estranha no principio deste estado
 Fazer a companhia taõ succinta,
 Mete a espada na cinta,
 Toma a capa nos hombros (já me peza
 De pollo á cortezã; mas a torpeza
 De quem sempre estes vicios traz de escolta,

Inda quando tem capa, não tem volta:)
 Sahio de casa nessa mesma hora,
 E fica RITA agora
 Taõ só destes desprezos na campanha,
 Que aqui só da prudencia se acompanha.

XVII.

Que seja o matrimonio doce estado
 Para todos os mais mimo do Fado,
 De cuja cuidadosa companhia
 (Assim RITA comfigo repetia)
 A uniaõ se sustenta,
 E que só para mim se faça izenta
 Do mesmo Fado a condiçaõ tyranna!
 O' inconstante ley da vida humana!
 Bem contraria segui taõ falso norte;
 Mas se na Cruz sagrada busca a morte
 O Divino Cordeyro,
 Que faço eu hoje, se elle foy primeyro?
 Quando a todas as luzes
 Excede aquella Cruz todas as cruzes;
 Que eu arvorasse agora (assim convinha)
 Em penoso patibulo esta minha;
 Aqui chegava a voz, & como morta
 Na Cruz santa, em que cuida, fica absorta.

XVIII.

Depois que Deos por taõ galante modo
 A tinha largo tempo neste engodo,
 No fim de tempo largo
 Fazia despertalla do letargo
 (Tè nisto tinha graça)
 Como quem dos alivios faz negaça;
 Era affim necessario,
 Que da familia no governo vario
 Nem tanto se descuyde,
 E que haja tambem tempo que isto estude;
 Entrava RITA a governar a caza,
 Do seu Divino amor em viva braza,
 Tudo obrava com tanta madureza,
 Que dava que admirar á natureza,
 Quando aquelles acertos soberanos
 Ninguem fiara de taõ poucos annos;
 Mas do mesmo cuydado em que se esméra
 Faz ordinario pasto a humana féra.

XIX.

Vinha o monstro tyranno
 Soberbo para casa, vinha ufano,
 Como quem na lembrança inda entretinha

A memoria dos gostos, donde vinha;
 Nada d'isto bastava,
 Com todos entendia, em todos dava,
 Sendo da torpe lingua, a aguda setta
 (Espada natural) a que jarréta
 Hũa innocencia, em que o respeyto mudo
 De nunca defenderse fez escudo:
 Vendo hum tal sofrimento com tal uso
 Ficava o duro algóz todo confuso,
 Porèm naquillo mesmo em que se admira
 Novamente delira;
 Do mesmo sofrimento milagroso
 Ficava mais rayvoso;
 De rayo vil naquella bruta empreza
 Tinha o fogo, & perdia a natureza,
 Porque degenerado na violencia
 Se emprega onde não tinha resistencia.

XX.

Por certo que esta vida dava indicio
 De poder escusarse outro cilicio;
 Mas nem por isso RITA era esquecida,
 Porque da penitencia só fez vida;
 Nos continuos jejús, nas disciplinas
 Bem mostrava com luzes tão Divinas
 Que chega mais segura ao Firmamento

A que faz passadiço do tormento;
Assim, fazendo da piedade officio,
Se empregava feliz neste exercicio.

XXI.

Já dos pays á noticia o caso chega,
Por mais que a tenra filha a dor lhe nega,
Como dos annos já no inverno frio
Não tem calor o brio
Para a justa vingança,
Qualquer como criança
De tão prezada filha que amou tanto
Em foccorros de amor esforça o pranto;
Choraõ como meninos
Daquelle ingrato esposo os desatinos,
Que RITA sempre com maduro aviso
Por poder consolallos solta em riso,
Dissimulando grave,
Por fazer de seus pays a dor suave.

XXII.

Sete annos de pastor Jacob servia,
Esperava Rachel, davaõ-lhe Lia,
Salta o pastor, o natural lhe ferve;
Certo he, que sem amor, nem Jacob serve:

Atèqui tudo hé nada;
 Affombro fora, se Rachel amada
 Quizeffe alli do amor desvanecida
 Servirse entaõ de Lia aborrecida,
 E que Lia fugeyta
 Servisse desprezada, & satisfeyta:
 Nestes termos estamos, (Deos me acuda)
 Aqui toda a eloquencia fica muda;
 Naõ fea Lia, mas Rachel fermosa
 Era RITA (sómente entãõ ditosa,
 Quando depois de tal defafocego
 Do Divino Pastor foy digno emprego)
 Esta nobre belleza,
 Que o marido despreza,
 Quando das torpes Lias que namora
 Os defeytos adora,
 Inda affim desprezada, inda abatida
 Serye alegre ao desprezo em toda a vida.

XXIII.

Sete annos por inteiro

Lhe durou tanto injusto cativeyro,
 Sem nelles ter hum dia,
 Em que fosse a Rachel, naõ fosse a Lia;
 Tal odio no marido sempre alcança,
 Que de obrigallo já perde a esperança;

Naõ

Não profere palavra lifongeira,
 De quem, como da dura pederneira,
 Do espofo bruto o natural relaffo
 Não tire fogo como tira o affo:
 O pouco tempo que habitava em casa
 Era como o que tóca a viva braza,
 Que a mão facode logo que se queyma,
 Tal elle já por teyma
 O pè que em casa punha (ò vida local!)
 Parece que se escalda quando a toca;
 Apenas come mal o que comia
 Sem disputar a graça da iguaria,
 Salta logo de casa, & nas do jogo
 Faz como que facode aquelle fogo
 Depois que nas de Venus que habitava
 Torpe neve outra chama mitigava.

XXIV

Que baixel nestes riscos exemplares
 Não fora pèla entaõ dos crespos mares?
 Sò de RITA o constante sofrimento
 Sobre as anchoras luta contra o vento,
 Não querendo em taõ rapida procella
 Que inda do ar da queyxa se encha a vela;
 Ficava só, mas quando assim se via,
 Já buscava a Divina companhia,

Alli da mesma magoa que chorava
 Como em mar de delicias se banhava,
 Por ver naquella fragoa,
 Que ao ouro da fineza apura a magoa,
 Tendo com que pagar na dor que anhella
 A quem fizera já tanto por ella;
 Aquelle santo exemplo pode tanto,
 Que todo o domicilio tornea santo,
 Em toda a casa logo
 Era a mesma oração, o mesmo o rogo,
 E RITA sempre com perennes brios
 Era o mar, que engrossava aquelles rios.

XXV.

Já se tinha a este tempo publicado
 Do ingrato esposo a força do seu Fado:
 Muyto deu que fallar tanta fereza;
 Atè se espanta a misera pobreza,
 Que da porta lhe foge,
 Crendo que atè na lastima se arroje;
 Assim daquelle bruto estremecida
 Vivia toda a aldea espavorida:
 (Aqui foy singular agora a traça)
 Com muyto medo, mas com muyta graça
 Quando se achava ausente
 A medonha serpente

Daquelle paraíso,
 Então RITA sutil com docto aviso
 De huma fiel criada
 Com fervor, com segredo acompanhada,
 Por effes hospitaes com zelo nobre
 Visita o moribundo, busca o pobre,
 Onde do corpo, & d'alma em laço unidas
 Alli possa tratar de ambas as vidas;
 Disto faz gosto sem que nunca acabe,
 E quanto mais a furto, mais lhe sabe.

XXVI.

De tanta sem-razão já combatidos
 Os velhos pays, atè na morte unidos,
 Ambos em Março como por affinco
 Nos dias dezanove, & vinte & finco,
 De quatrocentos, pouco mais, ou menos,
 Sobre hum milhar; para os lograr ferenos
 Passaõ deffes humanos
 Para os que por eternos são bõs annos:
 Alli se vê serena
 Que a morte vem desagravarlhe a pena,
 Porque vio entendida,
 Que a tal pezar já faz injuria a vida;
 No seu preciso, natural retiro
 Definio hum suspiro

Com bem suavidade
 A profunda queſtaõ da eternidade,
 Taõ junta, & taõ seguida logo ao cõrte,
 Que he já da eternidade o -E- da morte;
 Morreraõ com ventura,
 Segundo a pia devoçaõ nos jura,
 RITA entaõ (bem que a vida he tranſitoria)
 Pedio conta das copias á memoria;
 Ficou ſempre na idea ſucceſſiva
 Pintando de ſeus pays a imagem viva,
 Onde da ſepultura ſem eſpanto
 Os hia viſitar amante o pranto,
 Levando os meſmos olhos derretidos
 A vellos entre as cinzas renacidos;
 Mas a morte he taõ fea,
 Que inda representada lá na idea
 Vinhaõ como da viſta entaõ tremendo
 As lagrimas correndo,
 Deſpenhando-ſe tantas, taõ medroſas,
 Que paſſando do roſto pelas roſas
 Para parar com grave fidalguia
 Naõ pode mais que o medo a cortezia;
 Affim fica aſſuſtada, mas prudente,
 Chorando RITA a magoa eternamente.

XXVII.

Agora vejo com feliz ventura,

Que

Que cava o mar, que abranda a roca dura;
 No estrepito violento
 Depois que se enfurece quebra o vento,
 Que essa he a condiçã da natureza,
 Não ter cousa em que possa ter firmeza;
 No mesmo mal o que se sente louco,
 Se alivio póde ter, he durar pouco,
 Que para ser tambem a pena escaffa
 Passa no tempo, & todo o tempo passa.

XXVIII.

Cavada já do pranto a penha estranha
 Toda em ternuras taes se desentranha,
 Que no doce carinho em que se empenha,
 Risca as memorias de ter sido penha:
 No mimo com que a esposa trata agora
 Parece que a namora,
 E para hum peyto que de amores arde,
 Inda o que tarde vem, nunca vem tarde;
 Que desculpas! que ardores!
 Quem pudera escutar estes amores!
 Ouvir de quando em quando
 Hum tibio suspirar, hum fogo brando,
 Hum dizer, eu fiz mal, eu me arrependo;
 Ver logo hum duvidar agradecendo,
 Hum suspiro indeciso

Neutral, ou para o pranto, ou para orizo,
 Saõ por certo estes lances apertados
 Honestas armonias dos casados,
 Instrumento, em que amor quando se esméra,
 Muyta queyxa tempéra;
 O caso foy, que aquelle alto respeyto
 Fez o vinculo agora mais estreyto,
 Em cuja prisaõ doce que elle aceyta,
 RITA está, senão paga, satisfeyta.

XXIX.

Alli estava Cupido já da aljava
 Tirando a melhor setta, que apontava
 Taõ docemente ao peyto que rendia,
 Que para recebella elle se abria;
 Nesta amante contenda
 Poz em leylaõ a venda,
 Mostrando arrependido,
 Que mais do que vendado andou vendido;
 Aceytouse a desculpa, & forão laços
 Indissoluveis para amor os braços,
 Do santo matrimonio ley tão santa,
 Que com gloria que encanta
 Naquelle festival, alegre dia,
 Pelas mãos he que o laço principia.

XXX.

No fim de tanto tempo prolongado
 (Que inverno foy gelado
 Das que o thalamo alli flores espera
 Quando as promette a humana Primavera)
 Em menos de dous annos
 Vio dous filhos de agrados soberanos,
 Cada qual delles flor com graça tanta,
 Que bem mostrava a flor qual era a planta:
 João Jacomo fey que foy primeiro,
 E foy Paulo Maria o derradeyro
 De ambos os filhos; porque desejava
 Infundir lhes o zelo em que estudava,
 Como nisto se enfaya,
 Sobre ser mãy, foy ama, & quiz ser aya;
 Tres officios, nos quaes bem repartidas
 Parece que a seus filhos deu tres vidas.

XXXI.

Depois que estes penhores
 Teve por fiadores
 Do carinho do esposo, em quem já tinha
 Aquelle tratamento que convinha,
 Então nos seus agrados confiada

Da pobreza se fez nobre advogada;
 Aquellas claras mãos, puras, & bellas
 Temperavão dos pobres as panellas;
 He coufa extravagante;
 Eu nunca vi successo mais galante:
 Do Ceo me consta a mim, que ha dispenseira,
 Mas não vi, que inda houvesse cozinheira;
 Coufas dignas de espanto visto temos,
 E quanto mais vivermos, mais veremos.

XXXII.

Pouco tardou que se não vísse logo
 O mais que pode obrar hum nobre fogo;
 Tal era a charidade
 Para toda a vital necessidade,
 Que encontrando hũa pobre em tal miseria,
 Que fez capa da propria, vil materia,
 Onde o barro que aos olhos se offerencia,
 Da cor unicamente se cobria;
 Tanto esta vista a aballa,
 Que despe o seu vestido, tira a galla,
 Vale desta mulher ao triste fado,
 E quasi que se poz no mesmo estado,
 Porque chegou na dadiva o desejo
 Atè donde passar não pòde o pejo.

XXXIII.

Sendo tão liberal com tanta graça,
 Sòmente para si foy sempre escaça;
 Alèm de hũa continua disciplina,
 Que em RITA soberana de menina
 Repetindoa no dia sempre varia
 Da mais Divina febre foy diaria;
 Sobre o duro cilicio,
 Que cingio por officio,
 Quasi que jejuava todo anno;
 O jejum soberano
 Para avivar a magoa
 Era em toda a Quaresma a pão, & agua,
 Nas festas feyras apurando a fome
 He cuberto de cinza o pão que come;
 Ao mysterio parece que se applica,
 Que o pão subcinericeo significa:
 Toda a vigilia a Christo dedicada
 Guardou como as da Mãy comendo nada;
 Na do grande Bautista
 Do mesmo modo andava já prevista,
 E desta à de Agostinho por destino
 Ajuntava a do grande Tolentino,
 Guardando todas tres com tal respeyto,
 Como de tres objectos do feu peyto.

XXXIV.

Inda vive no mundo quando goza
 O renome immortal de milagroza;
 Visitando os enfermos cada dia,
 Se rezava a fagrada Ave Maria
 Sobre algũs moribundos , desta sorte
 Livrava as vidas do poder da morte;
 Obrar pela palavra foy fõmente
 Attributo do Padre Omnipotente,
 Por quem Divino o VERBO foy gerado,
 Poder, que agora , como delegado,
 Palmando do Cocyto o monstro acerbo,
 Para a Espofa paffou do mefmo VERBO.

XXXV.

Deste nobre exercicio fatisfeyta,
 E já do Espofõ amante em tudo aceyta,
 Vivia defcançada
 Dezoito annos cumprindo de cafada;
 Quando hum dia que orava reverente,
 Eftanha turbação no peyto fente;
 Cuyda em porfe em focego , em doce pausa,
 E torna a perturballa a mefma cauza;
 Efcutava os latidos

Em que o peyto, negandose aos sentidos,
 Sente a tormenta, mas affecta a calma,
 Porque tudo o que passa he dentro n'alma;
 Recorre do cuydado ao santo emprego,
 Quando hum tumulto cego
 De alaridos, & espantos
 Entre vozes, & prantos
 Por boca de hum cadaver já sem boca
 Lhe diz do affombro a causa, que lhe tòca:
 Morto de hum desafio
 VÈ RITA a seu marido já sem brio,
 A cujos pés rendida aquella torre
 Pela lingua do sangue, que inda corre,
 Pede na soledade, em que hoje a deyxá,
 Memoria do suffragio, & não da queyxa.

XXXVI.

Depois da pena alli fazer notoria
 Foyse RITA ajudar esta memoria;
 No seu santo Oratorio retirada,
 Huma morta, outra vida arrebatada,
 De ambas então naquelle alto exercicio
 Fez a Deos primoroso sacrificio;
 Logo na disciplina que tomava,
 Prodiga o mesmo sangue derramava,
 Que vencendo o de Abel na temperança,

Pede misericórdia , & não vingança:
 Aqui logrou do Ceo tantos favores,
 Que confortada então nas mortaes dores,
 Ficou capaz , vencendo a magoa dura,
 De cuydar na decente sepultura.

XXXVII.

Alli se vio do luto entre os capuzes
 No silencio fiscal de poucas luzes
 O cadaver fugeyto
 Aos pés de Christo, réo do seu respeyto;
 Alli só (porque d'alma se não sabe)
 Se tanta pompa já nas cinzas cabe,
 Logra as ultimas honras da tarima,
 A quem da sepultura a pedra em cima
 As reliquias opprime que despreza,
 Ensinando á caduca natureza,
 Que inda a luz desses altos orizontes
 Para humanos Tiphéos guarda estes montes.

XXXVIII.

Concorria a Nobreza,
 Muytos por mágoa, todos por fineza,
 Porque RITA sey eu que merecia
 A toda a dor aquella fidalguia;

Das Alcionéas vozes já parece
Que a consonancia funebre entristece;
No meyo deste espanto
Ergue-se o corpo quando se ergue o canto,
Passa-se aos hombros , segue-se a carreya,
Postas todas as luzes em fileyra,
A Cruz que vay diante atemoriza,
A campainha aviza,
Segue-a pasmado o povo,
E sendo o pasmo antigo , he sempre novo:
Vè dar o corpo á terra, & logo á pressa
Tanto que cessa a vista, o pasmo cessa;
Este, que he natural de toda a gente,
Foy de FERNANDO o fim , foy de repente,
(Agora sabereis como se chama,
Que ha muytos que por fama
Na morte que os consome,
Cuydão que vão ganhar hum grande nome
Sem ver que essa que esconde o monumento
He terra de perpetuo esquecimento)
Para agora o guardey (termos precisos!)
Porque seja epitafio dos avilos,
Mas em quanto se grava, em quanto breve
O nome que se escreve,
A ley do defengano agora explica,
Dirá terceira voz qual RITA fica.

SEGUNDA VOZ

Das Alções vozés la parte
 Que a consonancia furebre enliffice;
 No meyo delle canto
 Figuele o corpo quando le entre o canto,
 Palla-te aos hombrós, legrate a carreyra,
 Poffas todas as lures em hieys,
 A Cruz que vay diante atemoriza,
 A campainha avixa,
 Segue-a pafinado o povo,
 E fendo o palmo antigo, he sempre novo:
 Vê dar o corpo a terra, & logo a preffa
 Tanto que cessa viffa o palmo cella;
 Este, que he natural de toda a gente,
 Foy de FERNANDO o fim, foy de repente,
 (Agora fabeis como se chama)
 Que ha muytos que por fiam
 Na morte que os confome,
 Cuydão que vão ganhar hum grande nome
 Sem ver que eis que eicorde o nome
 He terra de perparto elpaeimento)
 Para agora o guardey (tennos preffos)
 Forque feis eptatros hor avilos,
 Mas em quanto se grava, em quanto brave
 O nome que se eleva,
 A ley do delegano agora explica,
 Dia tercens voz qual QUITA



C O R O
 C E L E S T E.
 T E R C E Y R A V O Z.

I.



UNCA sem tanto medo
 Do celeste penedo
 Puz a boca ao licor que alli defata
 Do quadrupede bruto a etherea pata,

Como agora, que o tragico incidente

Alterando essa musica corrente

Faz que seja, turbando a voz serena,

Para explicar a pena,

Do liquido instrumento o doce brado

Mais fino, quanto mais desafinado.

Sem

II.

Sem mais voz, sem mais solfa, sem mais arte,
 Que o natural sussurro em que reparte
 No celebrado monte
 Vilhancicos de neve a sacra fonte,
 Roubandolhe ao cristal a natureza
 Para o canto formar desta tristeza,
 Misturarey (tal vez que assim convenha)
 Entre as minhas as lagrimas da penha,
 Que ferida tambem com furia tanta
 Do ferro duro da ligeira planta
 Como quem sabe quanto hum golpe custa,
 Ha de medir a voz com dor tão justa,
 Regulando ao sangrar as puras veas,
 Pelas feridas proprias as alheas,
 Em cujo natural, musico pranto
 O mundo então verá com largo espanto,
 Que de RITA as ausencias, & as ternuras
 Até fazem chorar as pedras duras.

III.

Por certo que o melhor tinha esquecido:
 Foy descuydo inculpavel do sentido,
 Que poz na dor attento

Tudo

Tudo o que era sentido em sentimento:
Inda em casa o cadaver palpitava,
Com quem parece alli que dispensava
A natureza aquella resistencia,
Não já por defaggravo da violencia,
Mas para ser em transe tão forçoso
Aquelle ar palpitado, & duvidoso
Naquelle breve instante,
Ultimo vale da memoria amante,
Dizendo á Esposa que deixava ausente
Quanto sentia no que já não sente:
Chegava neste tempo respeytada
A justiça de Cassia, tão prezada
De parecer inteyra,
Que a pintura primeyra
Guardava generosa
Na balança, na espada sanguinosa,
Cega para o respeyto,
Justificando a venda este conceyto,
Tirando-a tão sómente no conflicto,
Por ver fazer o corpo do deliçto;
Informouse da queyxa neste excessso,
Para se fazer auto do processo,
Mas perguntada então pela querella
Respondeo RITA bella,
Que na violenta morte
De quem só se queyxava era da sorte,

Porque a força do Fado a seu marido
 Fez orgulhoso para o ver perdido;
 Que ella perdoa a morte livremente,
 Lembrada que innocente
 Na Cruz em que morria.
 O Filho de Maria,
 Pedira com clamores
 O perdão para os mesmos malfeytores;
 Que ella tambem na magoa, que hoje cede,
 O perdão não só dá, porèm que o pede,
 Deyxando esta reposta nunca ouvida
 Em dor tão fresca, em pena tão crecida.
 (Se a justiça admirada)
 Com novo brado a fama acreditada.

IV.

Despediose a justiça mais depressa,
 Quando vio que a piedade já começa
 Nos antigos, usados comprimentos
 A dar os sentimentos,
 Que alli traz a politica estudados,
 Hús naturaes, os outros affectados,
 Quando a todos em fraze dolorosa
 Responde o que os escuta em pouca prosa;
 As ancias dos parentes,
 Alli mais diligentes,

As amigas zelofas
 Então femp're extremofas,
 Qualquer por geyto ordena
 Buscarlhe alivio com dourarlhe a pena;
 RITA porèm com nobre entendimento
 (Que entre a prudencia, q̃ entre o sentimento
 Soube eleger hum meyo,
 Com pezar fem enleyo)
 Fazendo a dor Catholica, sentia
 Quanto a conformidade o permittia;
 Serenoufe o tumulto do refpeyto,
 A que RITA tambem lá dava hum geyto,
 Foyfe ficando só, pois defejava
 Verfe já como quem tão só fe achava;
 Cortou pela familia numerosa,
 Deixando a moderada, a que he forçofa,
 Fez ley que dispensava só na mefa
 O que foffe fuftegno, & não grandeza;
 Sem pagar aos feus annos o tributo,
 Fez gala para femp're do feuo luto,
 Em cujo nobre anhello
 O mefmo foy tomar o feuo capello,
 Que doctorarfe com prudencia tanta
 Para fe jubilar na vida fanta.

V.

Para agora he que o pafmo não fe efcula;

Quem me dera esforçar a minha musa!
 Mas lá se avenha, se he que a gloria preza,
 Que ella ha de tirar forças da fraqueza:
 Quem visse aquella casa recoleta,
 Vira toda a familia anachoreta,
 Mortificada a vista, a voz sumida,
 Penitente o semblante, como a vida,
 Continua a disciplina asperamente,
 A oração frequente,
 Gala nenhũa, compostura grave,
 Izenção para o trato, mas suave
 Quando se faz preciso,
 Muyta modestia com muy pouco riso,
 Este era com tão sabio documento
 Daquella santa casa o regimento.

VI.

Vio RITA nos dous filhos animoso

O natural orgulho bellicoso
 Naquella tenra fragoa
 Forjar aos rayos para arder a magoa,
 Quando com mais pujança
 Lembrasse a idade adulta esta vingança;
 Davalhe grande pena
 Naquella doce vida tão serena
 Ver callar este fogo;

Interpoz o respeyto álem do rogo,
 Já mandando, & pedindo juntamente
 Quiz atalhar aquella chama ardente,
 Porèm vendo no risco que temia
 Augmentarse este incendio cada dia,
 Do mesmo affecto natural despida
 Pedelhe a Deos a morte antes que a vida;
 Ouvio-se a petição, foy despachada,
 E ficou descançada,
 Porque em menos de hum anno
 Do braço soberano
 Forão despojo os tenros companheyros,
 Que irmãos tambem nas armas, já guerreyros
 Para a futura guerra
 Pouca campanha lhe parece a terra:
 Deulhe então sepultura,
 E dalli começou com tal ventura
 A fazer huma vida por tal modo,
 Que eu lhe não acho apòdo;
 Foy vida singular, foy vida nova;
 Era a casa huma cova,
 Quando de todo o trato então se priva,
 Em que RITA se enterra estando viva;
 Deos me acuda, & me ajude esta memoria,
 Porque o caso inda passa a larga historia!

VII.

Vendo-se já sem filhos, sem cuydados
 (Como os bês da fortuna faõ pezados
 Para quem da vaidade faz desprezo)
 • Tratou de sacudir aquelle pezo;
 Decretou vender tudo,
 Porque só de ser pobre fez estudo;
 Da familia de casa aos assistentes
 Despedio tristes, mas deyxou contentes,
 Porque o premio foy tanto,
 Que da saudade consolava o pranto;
 Tudo o mais que restava
 Repartio pelos pobres, a quem dava,
 Nos mesmos bês que alegre repartia,
 O nobre coração que em fogo ardia;
 Ficoulhe unicamente
 O que lhe pareceo que era decente,
 Que ao depois lhe servisse com ventura
 Para o fim suspirado da clausura;
 Assim se ficou pobre sem desdouro
 Por fazer da pobreza o seu thesouro.

VIII.

Já na casa em que mora

Folego vivo se não fente agora;
 Como Eremita já na soledade
 Anticipando enſayos á vontade,
 Era R I T A serena
 Aos pés de Chriſto exacta Magdalena,
 Amando muyto, mas chorando tanto,
 Que iguala o mar do fogo ao mar do prante.
 Dalli se não tirava em todo o dia,
 Onde sobre hum penedo acontecia
 Da penitencia com paſmoſo abono,
 Que as mais das noytes a tomava o ſono:
 (Bem diſſe que a tomava,
 Porque ſó por violencia deſcançava,
 Pois o ſeu vivo anhelou
 Tinha por ſeu deſcanço o ſeu diſvello:)
 Para o commum ſuſtento
 Das ervas ſem ſabor fez mantimento,
 E quando na iguaria mais ſe eſmèra,
 De pão, & agua muytas vezes era;
 Para oraçoões, jejūs, & diſciplinas,
 Não ſey que forças tem, que ſão Divinas.

IX.

Parecendolhe pouco huma Quareſma,
 (Foy diſcurſo que fez entre ſi meſma)
 Como era da abſtinencia tão faminta,

Que

CORO CELESTE

Que a Igreja como Mãe fez mais succinta,
 Mais tres acrescentou de mais tres mezes
 Naquelles, em que os rayos descortezes
 Fazem para queymar tudo vivente,
 Do vento, que então corre, fogo ardente,
 Sendo alli no mesmo ar, que se derrama,
 Julho, Agosto, & Setembro viva chamma,
 Cujos ardor que consome
 A' medida do dia estira a fome;
 Isto que para os mais fora custoso,
 Para RITA era nectar saboroso;
 Das tres Quaresmas por hum modo grato
 Fazia mimo então, fazia prato
 Ao seu Triumvirato Peregrino,
 Agostinho, Bautista, & Tolentino;
 Erão de pão, & agua tão sómente,
 Porque ella por costume já corrente,
 Bem que sempre jejua, & sempre forte,
 Sempre que jejuou foy desta sorte.

X.

Todo este tempo sem sair de casa
 (Tal era do alto fogo a viva braza)
 Parecia com arte,
 Que melhor Anaxarte
 Para a morada etheria

Se converteo feliz nessa materia,
Que serve já lavrada do artificio
Para a fabrica nobre do edificio;
Nunca dalli por isso se afastava,
Como baze da casa em que habitava;
Alguma vez sómente,
Que era para evitar damno emergente,
Em que o proximo acaso descuydado
Se hia precipitar no seu peccado;
Outra vez da alegria como Aurora,
Por quem o prado espera quando chora,
Pela luz avifada mais suave
Sahia a consolar trabalho grave;
Fóra disto afastava-se da rua,
Mar que o justo recea, em que fluctua
O mísero mortal, que navegante
Ao seu fluxo se expoz sempre inconstante;
Algũs passos que dava não violentos,
Era por frequentar os Sacramentos,
Porèm com tal silencio soberano,
Que transportando-a sem sentido humano,
A alma que adiante se partia
Do corpo que a seguia
Fechando as portas com cautela grave,
Parecia que então levava a chave;
Tão domado o trazia, tão disposto,
Que ficava insensível por seu gosto.

XI.

Sem dar hum passo da feliz aldea

Não ficava cadea

Nos contornos vizinhos

○ Onde aos pobres, famintos passarinhos

(Que ás vezes por cobiça

Vem a cair no laço da justiça)

Já mais faltasse o doce mantimento,

Misturando o regalo entre o sustento,

Porque o seu zelo santo fez estudo

De tudo em que vio damno prover tudo;

Em cujos exercicios soberanos

Inda RITA gastou mais de tres annos.

XII.

Para aqui te convido,

Emprestame (ò leytor) hoje o sentido,

Fia de mim no pasmo que hoje escrevo,

Que inda te pague mais do que te devo:

Na Cidade de CASSIA tempo havia

Que hum Mosteyro feliz se conhecia

De Angelicas purezas,

Imitando as finezas

Da Magdalena, sendo nome tanto

Antigo Orago deste templo santo,
 Onde o nobre instituto se observava
 Assim como o dictava
 Aquella Aguia Africana,
 Que das azas a penna soberana
 Tirou com que escreveu (assim convinha)
 A ley que alli deyxado ás filhas tinha;
 Neste emporio de graças successivas,
 Retrato desse Ceo com cores vivas,
 Pertendeo RITA bella
 Entre tão nobres Astros ser Estrella;
 Mas achou neste globo de diamante
 (Tudo foy de Deos traça bem galante)
 Luz na virtude, pedra na reposta,
 Ficando escusa, quando mais disposta.

XIII.

Fundava-se a repulsa deste estado
 Em ser aquelle thalamo sagrado
 Para virgões sómente,
 Parecendo indecente
 Que sem tão nobre joya houvesse Esposa
 Que a yodas se admittisse venturosa,
 Onde em toda a verdade
 He dote principal a castidade;
 Além disto era o trato rigoroso

Para os mayores annos mais penoso,
 Onde, qual tocha, sempre quem vem tarde,
 Inda quando se acenda, menos arde,
 E vio RITA a pezar de tanto brio
 Na sua mesma idade o seu desvio;
 Instava, mas sem fruto,
 Apadrinhando o pranto nunca enxuto
 A supplica escusada;
 Fique agora das Freyras venerada
 A inteireza que o passo lhe defende,
 Se a tão rico soborno se não rende.

XIV.

Que obrára vendo as lagrimas serenas
 Essa rara izenção da nobre Athenas?
 Lembrame a mim que o seu decreto jura
 Medo ao pranto, respeyto á fermosura,
 Onde, porque a justiça mais se affoyte,
 Quando julgava os reos era de noyte,
 Porque á vista do pranto, & da belleza
 Entendeo como mestra a natureza,
 Por mais rigor que o caso merecesse,
 Que inda a mesma justiça se torcesse;
 Tudo RITA em si tinha em mais altura,
 O doce pranto, a rara fermosura,
 Mas tinha contra si da Athenas santa.

A ley fevèra, que ao desejo espanta,
 Pois na face do Sol, na luz do dia
 Condenava á porfia,
 Sem de RITA a presença
 Já poder embargar esta sentença.

XV.

Ficou julgando então desenganada
 Que era indigna da empresa desejada;
 Grande grão de humildade!
 Que passe por indigna a santidade!
 O justo pela sonda mais segura
 Mede como no mar a sua altura,
 Fazendo-o da grandeza o desapego;
 Quando mais fundo, então mais alto pègo;
 Tal de RITA a humildade sempre santa
 Quando se abate mais, mais se levanta;
 Fez assento comfigo,
 Tratando ao corpo feu como inimigo,
 De vingar nelle a causa por quem via
 Fugirlhe aquelle bem que appetecia;
 Como se fosse culpa aborrecida,
 Ter tido de casada a santa vida,
 No corpo Descarrega golpes tantos,
 Que alvoroçados logo Anjos, & Santos,
 Antes que RITA bella desfaleça,

Bayxão do sacro assento a toda a pressa;
 Os Anjos enfermeyros
 Para curarlhe as chagas são primeiros;
 Os seus tres advogados
 Deyxandolhe os excessos moderados
 Vem consolarlhe a magoa,
 E para lhe avivar depois a fragoa
 Via cada momento
 Nos braços da Mãy pura ao Filho bento.

XVI.

Já Deos parece então que pertendia
 Descobrir o thesouro que escondia,
 Muytas vezes a aldea reparava
 Que fobre o pobre alvergue em que habitava
 Bayxava do alto Ceo fogo divino
 A' maneyra de hum globo peregrino;
 Hũs Astros outra vez de tal grandeza
 Que os estranhava a mesma natureza;
 Quasi sempre hũas vozes tão canoras,
 Que bem mostravão de quem são cantoras;
 Assim se via já por toda a parte
 O que RITA com arte
 Tanto tempo occultou, como quem ama
 Enterrar, se pudesse, a mesma fama.

Chegoufe em fim (porque por fim se chega
 O que a fortuna muytas vezes nega)
 Chegoufe aquella noyte celebrada,
 Baliza da carreyra começada,
 Onde RITA estreytando mais os laços
 Passou dos pès de Christo para os braços,
 Quando mais venturosa
 Subio de fer escrava a fer Esposa:
 Achava-se ella orando
 A tempo que percebe hum tono brando,
 Que para a convidar para tal dita
 Duas vezes lhe disse, RITA, RITA!
 Sobresaltoufe hum pouco,
 E qual se fosse o pensamento louco
 Despreza a fantasia,
 Que illusão por então lhe parecia;
 Mal tinha fofegado
 Quando torna a escutar o mesmo brado
 (Que conheceo ser clara voz, Divina)
 Exhortando-a a doçura peregrina
 A que instasse com Deos no amante rogo,
 Porque o despacho conseguisse logo;
 Reparou para os lados,
 Vio nelles aos tres Santos advogados,
 Que vestidos da humana semelhança
 Abonavão das vozes a esperança;
 Tolentino, Agostinho, o grão Bautista,

E fugindolhe logo alli da vista
 Vio-se RITA obrigada
 A reforçar a supplica passada;
 Aviva o fogo que no peyto ardia,
 Quando escuta outra voz que lhe dizia,
 Feliz, amada Esposa!
 Desta luz serás hoje mariposa;
 He tempo que configas nos meus rayos
 O premio dos diſvelos, dos enſayos,
 Que ha tanto tempo vivem no teu peyto;
 Hoje serás Esposa em casto leyro
 De quem tanto a pureza só procura,
 Que atè nascendo foy de Virgem pura,
 Por cujo casto ventre o VERBO passa
 Como os rayos do Sol pela vidrassa,
 Deyxando a luz do Sol mais verdadeyro
 Ao materno cristal intacto, inteyro;
 Levanta-te animosa,
 Segue a quem vem bulcarte, & vay gostosa,
 Que do estado, a que tanto te accomodas,
 Tês de entrar hoje alegre às castas vodas.
 Levanta-se apressada RITA bella,
 E chegando à janella
 Vio que esperava à porta (quem feria?)
 O Precursor da luz da luz do dia.

XVIII.

Vestido estava alli de pelles brutas,
 Como quando habitava as toscas grutas
 Na inculta soledade em que vivia
 Aquelle, que por VOZ se definia;
 Apenas RITA vio cousa tão sua,
 Salta de casa, poem-se entãõ na rua,
 Segue os passos do feu Valedor nõbre,
 Rico de graças, de vestidos pobre,
 (Eu nõ posso saber em que isto tõpa,
 Dar-se a graça melhor com pouca roupa;
 Veja como se veste
 Quem quizer alcançar bem tão celeste)
 A poucos passos jã com vista pouca
 Da inacessivel penha o cume toca,
 Que SCHYOPPO se chama,
 Aqui se turba hum pouco, aqui derrama,
 Cuidando ser engano, alguns suspiros,
 Quando destes enleyos nestes gyros
 A' empreza em que estuda
 Vê que Agostinho, & Tolentino ajuda;
 De novo se alvoroça,
 Crendo a esperança que esta vista adoça;
 Começaõ-se a travar pratica bella,
 E quando no fim della

RITA olhou para si, já muy segura,
 Vio-se no coro dentro da clausura,
 Onde a deyxáraõ cheya de alegrias
 Dando-lhe hum doce vale os seus tres guias!

XIX.

Para explicar o gofsto em que se exalta,
 Disse: Graças a Deos! tanto em voz alta,
 Que o claustro amotinado
 Corre a ver donde nasce aquelle brado,
 E olhando tudo, não deyxando canto,
 Achase orando a causa deste espanto:
 Qual ficasse o congresso neste enredo
 Dirá, quem conhecer que cousa he medo;
 Muytas cuidaõ que objecto era medonho,
 Algumas impossivel, outras sonho,
 As mais, que inda que santas, eraõ ifeyras,
 Vaõ fazendo escarcéos, vaõ-se ás carreyras,
 E taes se vaõ, que vaõ desfiguradas,
 Sobrancelhas arcadas,
 Os hombros encolhidos,
 Que estes os gestos saõ dos alaridos;
 RITA entaõ serenando esta tormenta,
 Disse com clara voz, do caso izenta,
 (Quem pudera pintar-lhe hoje a mayguiffê)
 Hora lembreme Deos quanto ella disse.

XX.

Eu sou (ninguem se espante)
 Essa pobre viuva mendicante,
 Que esse habito pedia por esmola,
 A quem o Ceo consola,
 Despachando por modo milagroso
 O favor que eu quera, duvidoso,
 E que agora aqui logro taõ seguro,
 Já vencendo ao poder do reyno escuro;
 O modo porque entrey foy deste modo,
 (E contou fielmente o caso todo)
 Do caminho, nem sey, nem faço gosto,
 Vime sem saber como neste posto,
 Donde agora parece
 Que a Deos fizera aggravo, quem quizesse
 Contra a vontade sua
 Porme outra vez na rua;
 Assim disse, & no mais que em si sentia,
 O pranto que corria di(corria).

XXI.

Quanto fora geral o reboliço,
 Tanto agora de todas he feytiço
 A nova companhiara,

Que alli no mesmo instante fazem freyra;

Conhece-se no caso a mão divina

Quando com nova traça peregrina

Quiz meter na clausura

Aquella Esposa, que com mais ventura

Lhe traz por huma entrada deste lote

Da futilza o dote,

Com que aquelle mosteyro certifico,

Que entao mais que outras vezes se vio rico:

Se a cega Antiquidade

Fabulizou da falsa divindade,

Que tivera poder o seu disvello

Na clausura apertada de hum castello

Para introduzir dentro disfarçado

Na preciosa chuva o seu cuidado;

Que impossivel havia

Para hum Deos que podia

Depositar no claustro o seu thesouro,

Melhor que em chuvas de ouro,

Em chuveiros de amor, de que alli dentro

Tinha RITA no peyto o nobre centro:

Conheceose o prodigio, cujo effeyto

Pede com mais vagar novo conceyto,

Porque desta memoria

Pertence a quarta VOZ a nova historia.



CORO
CELESTE.
QUARTA VOZ.



E possível, que chego ao quarto canto!
Eu nunca em minha vida cantei tanto:
Apressa he que me espanta;
Muyto caminha hũ passo de garganta!

Por esta habilidade estive a geyto
De tratar a garganta com relpeyto,
Mas vi que para ser musico guapo,
Nem da garganta vay, nem vay do papo,
Porque em sendo poeta (he grave enleyo!)
Ninguem pòde cantar com papo cheyo:
Por isso eu me não fio destas vozes,
Inda que as vejo agora taõ velozes,

Porque temo inda ouvir com desvario

Dizer que canto mal, & que porfio;

Eu não sey que lhe faça,

Mas que eu não tenha graça,

A minha devoção está primeyro,

Ponhame embora o canto no estaleyro;

Tal, qual for a garganta, he muyto minha,

O severo ouvidor julgue-a na espinha,

Que se eu não fizer crime de outro acento,

Naõ me hade condemnar no perdimento.

II.

Depois de freyra por tão lanttas traças

(Vou seguindo esta historia, & deixo graças;

Das que disse desculpeme a alegria,

Que a virtude não quer melancolia,

E se me ouviraõ coufa mais jocosa,

Foy mascara de noyte tão ditosa:)

Vendo-se já nos habitos vestida,

Que tanto desejava em toda a vida,

Diz entaõ com fogoso pensamento,

Que ella não quer ter habito retento,

Que exercicios lhe dessem já de Freyra;

Quando sorrindo-se huma companheyrã

Lhe responde, Minha alma! (assim o observeo,

Porque por este verbo,

Que

Que he methodo das Freyras nos Conventos,
 Se faz a sala vaga aos cumprimentos)
 He tempo de ceia! (& fim feria,
 Porque era á prima noyte desse dia
 Que tinha a contecido este successo)
 Foy primeyro progresso
 Da virtude de RITA a resistencia,
 Porque quiz começar pela abstinencia!
 Eu não tenho por coufa inda assentada
 Se a noyte era tal vez de conçoada,
 Se assim foy, andou RITA bem galante,
 Como naquelle rapto extravagante.
 O primeyro suspiro que deleyta
 Foy dar graças a Deos já satisfeyta,
 Quem dá graças a Deos tem já comido;
 Do que comeo tambem não tenho outvido,
 Mas tem pouco que ver, como a diguaria:
 Foy guizada no Ceo sempre feria,
 Porque melhor lhe preste,
 Não só manjar real, manjar celeste:
 Eu sey que as companheyras
 Vão ceiar ás carreyras,
 E que a nossa Novica, hospeda nova,
 Fica na casa, onde a virtude prova
 Naquelle anno primeyro,
 Em que foy luz de todo o seu Mosteyro;
 Acabava-se a cea,

Quando das santas Freyras à alcatea
 (He nome genuino)
 A' maneyra de lobos ao Divino
 Em apertados laços
 Faz amante contenda entre os seus braços
 Sobre qual mais com singular fineza
 Daquelle terra ovelha faça preza:
 Alli se converfou tão docemente,
 Que o tempo alli se passa, & não se fente;
 No meyo destas praticas Divinas
 Tòca o fino a Matinas
 A' hora deputada
 Para buscar o Esposo destinada,
 Por ser hora tambem que o mesmo Esposo
 Com clamor estrondoso
 Escolheo diligente
 Para apanhar a Esposa de repente;
 Foy dar aquelle fante confistorio
 Graças a Deos do novo desposorio,
 E como a desposada
 Era a mais empenhada,
 Fazendo às companheyras mil negaças,
 Foy a que deu, & recebeo mais graças;
 Acabada esta acção, vaõ-se ao descanso,
 Mas sempre o pensamento com balanço.

III.

Amanheceo rizonho o novo dia,
 Que do gosto de RITA se vestia,
 A tempo que ella já com defenganos,
 Como se fora Freyra de mais annos,
 Andava cuidadosa
 Como Religiosa
 Por desprezar o engodo da preguiça
 Fazendo os exercicios de Noviça:
 Era coufa pasmosa em todo hum anno
 Naõ se lhe poder ver descuido humano;
 Para os preceytos a que obedecia,
 Hia entaõ de vagar quando corria,
 Porque na pressa com que os observava
 Se viã as mais das vezes que voava;
 Era no fanto coro
 O seu canto o primeyro, o mais canoro,
 E fóra de exercicio tão suave
 Observava hum silencio sempre grave;
 Teymava na violencia
 Da sua indispensavel penitencia,
 Na humildade era rara,
 Continua na Oraçaõ, na vista avara,
 No abatimento proprio sem medida,
 Que como atraz da morte espera a vida,

Por isso com tal ancia, de tal forte
Abreviava para a vida a morte.

IV.

Entre huma vida tal (quem tal diria!)
Tinha sempre huma rayva: & qual seria?
(Naõ se amotinem, que era a rayva fanta)
Tinha rayva de si, porque se espanta
Quando mais nas finezas estudava,
Se acaso as cotejava
Com aquellas ternuras
Que são do amante Deos finezas puras,
Sendo sómente aquellas verdadeyras,
Ver que todas as outras são grosseyras;
Mas disto mesmo alli fazia vida,
Verse de hum Deos amante entaõ vencida,
Ficando o pasmo quando mais suspenso
Confessando o valor do que era immenso;
Daqui tirava forças novamente
Para avivar o mesmo fogo ardente,
De maneyra, que a rayva, em que se acende,
He chama, em que mais alta chama prende.

V.

Hia-se preparando,
Porque o tempo se vinha já chegando

Em que no doce estado de professa
 Coroaſſe o triumpho da promeſſa;
 Deſejava ir taõ pura para a empreza,
 Que deſmentiſſe a humana natureza;
 Excogitava o meyo
 Para o primor futil de tanto aceyo,
 E nunca a ſua rara diligencia
 Outro melhor achou que a penitencia;
 De tal ſorte ella foy, que ſem tardança
 Já de humana perdia a ſemelhança;
 Foy preciso à Prelada do Convento
 Atalhar eſte nobre pensamento;
 Acodiraõ-lhe os Medicos com arte
 A' vida que ella já punha de parte,
 Mas por mais que o remedio ſe procura
 Da fórma que ficou foyſe a figura,
 (Oh quem, ſe fora Freyra, então pudera
 Ser o que RITA bella de antes era
 Depois que ella por modo taõ ſubido
 Deyxa por ſer melhor o que tem ſido!)
 Aſſim fica esperando o goſto doce
 Eſſe dia feliz da firme poſſe.

VI.

Chegou nunca mais bello, o claro dia
 Conſummouſe eſta acçaõ com bizarria,

Té do mesmo Convento entã mostrava
 Que a fabrica insensivel se alegrava;
 Estava como rindo-se a claufura,
 Qual a concha da perola mais pura,
 Que na cor com que a sabia natureza
 Quiz o cofre esmaltar de tal belleza,
 Parece que revela ao pasmo nobre
 Pelo rizonho esmalte a luz que encobre;
 Todo o dia com glorias successivas
 Foy do prazer, do gosto, foy dos vivas,
 Mas com fer dia de huma luz taõ rara,
 Parece que inda a noyte foy mais clara;
 Naquella noyte logo
 Poz o Ceo luminarias, fez tal fogo,
 Que descubrio á vista
 Quanto a fé taõ sómente alli regista;
 Nem mais, nem menos vio sem fer sonhada
 Pela mesma medida a mesma escada,
 Em cujo cume estava o lume vivo,
 Quando com movimento successivo,
 Sem que entã de Jacob faça os espantos,
 Vio subir, & decer os Anjos Santos;
 Ouvio mais huma voz armoniosa,
 Que lhe dizia, RITA! amada Espôsa!
 Se desejas unirte hoje commigo,
 Sòbe a buscar abrigo;
 Ahi tens a escada, em que a uniaõ se encerra,

Mas olha que hasde fer Anjo na terra.
 Ficou RITA aflombrada,
 E por toda huma vida dilatada
 Não perdeu da memoria
 O passadiço que alli vio da gloria.

VII.

Quiz fazer destas vozes advertida
 Huma Angelica vida,
 E guardou tal silencio, de tal modo,
 Que privando ao vivente, humano lodo
 Daquelle ar, a quem deve alto respeyto,
 Como Anjo se explicava por conceyto;
 Para observancia desta ley mais rara
 (Cuido que o mesmo Ceo lha deparára)
 Acha huma pedra, tomalhe a medida,
 E trazendo-a na boca a mais da vida,
 Atè para os suspiros mais velozes
 Era sepulchro, como o foy das vozes,
 Porque metida á força a pedra dura
 Para fer do silencio sepultura,
 E lograr este intento,
 Da lingua embaraçava o movimento;
 Já não me admira tanto
 A vigorosa pedra desse santo,
 Que lhe deo contra a carne, a quem consome,

De penitente Maximo o renome,
 Porque eu nas duas pedras indecizo
 Inda não fiz juizo,
 Qual faça mais horror, qual mais respeyto,
 Se huma boca tapar, se abrir hum peyto.

VIII.

Da penitencia estranha

Agora canto mais outra façanha:
 Quando dos annos foy correndo a roda,
 Achou de disciplinas outra moda;
 Eraõ tres cada dia
 As que tomava com gentil porfia;
 Do proximo por todo o mortal erro
 Com cadeas de ferro
 Era sempre a primeyra; á das cadeas
 Seguia-se a segunda de correas,
 Applicada com grande acatamento
 Por todo o bemfeytor do seu Convento;
 A terceyra depois com cordas duras
 Offrece com ternuras,
 Tomando já benigna esta cautella
 Por quem mais mal fizeffe a RITA bella;
 Veja agora o Leytor nesta estranheza,
 Se cabe isto na humana natureza?

IX.

Em toda a larga vida por officio
Trouxe sempre hum cilicio
Por tal modo apertado,
Que era identificado
Como se fora espirito ao corpo brando,
Porque do tenro peyto penetrando
O mais occulto centro,
Vivia já como alma lá por dentro;
Mas inda não contente
A nossa penitente,
Ainda o guarnecia
De huns agudos espinhos cada dia,
Com que o mesmo cilicio trespassava.
Tal era o santo exemplo que lhe dava,
Que alli por excellencia
Até faz o cilicio penitencia.

X.

Quem tinha tam bons habitos, mesquinha
Hum só habito tinha,
Porque vendo que as galas são venenos,
Do espirito tratou mais, do corpo menos;
Esse mesmo primeyro habito santo,

Que

Que vestio no Convento, durou tanto,
 Que com prodigio que hoje a fama espalha,
 Foy habito, foy cama, foy mortalha;
 Até depois na mesma sepultura
 he gala desta nobre fermosura;
 Na sua pobre cella
 Outra nenhuma alfaya se vio nella,
 Mais que hum Christo pendente
 Daquelle feliz lenho docemente,
 Do qual, como cadeyra sacrosanta,
 Foy Mestre que ensinava a nossa Santa;
 Ella para tomar esta doutrina
 Ao pé desta cadeyra taõ divina
 Fez hum taõ firme assento,
 Que dalli se naõ tira outro momento,
 Que aquelle em que o preceyto, sem jactancia
 A faz andar de Freyra na observancia;
 Apenas acabava,
 Ao seu doce retiro se tornava,
 Onde ouvio muytas vezes com favores
 Da boca do seu Deos os seus louvores;
 Alli do duro chaõ fez cama dura
 Todo o tempo que teve de clausura,
 Servindo-lhe huma pedra o tempo inteyro
 De nobre travisseyro,
 Onde, inda do disvello para abono,
 Nunca antes de matinas toma o sono,

Porque alentando sempre huma esperança
Quando mais se disvella, mais descança.

XI.

Cuidarão que isto a tem desfalecida?

Pois tão forte se vio no fim da vida,
Sobre jejuar toda a paõ, & agua,
Que apurando então mais a viva fragua
Nos quatro já dos seus ultimos annos
Mimosa dos alentos suberanos
Passou sem mais sustento,
Que do Altar esse Santo Sacramento,
Onde o Cordeyro vivo como morto
He laboroso neectar, em que absorto
O justo que o communga santamente
Distarçado do paõ nesse accidente
Gosta aquelle manjar, que verdadeyro
He na sustancia a carne do Cordeyro:
Já não sey que dizer em pasmos tantos,
De huma Santa, que affombro foy dos Santos;
Eu fim lhe sou suspeyto nos louvores,
Porque lhe devo taes, tantos favores,
Que assim todos podêraõ vir a lume,
Como eu delles fizera outro volume;
Mas inda assim, da historia que hoje escrevo
Explico muyto menos do que devo;

Bem desempenha RITA neste exame
 De ser Anjo o gravame
 Que aquella voz lhe impoz quando da escada
 Vio a clara visãõ , tão celebrada,
 Porque Anjo deve ser alma , que attenta
 Com paõ dos mesmos Anjos se sustenta.

XII.

Eu bem posso afirmar , como admirando,
 Que o tempo que viveo foy sempre orando;
 Nos mesmos exercicios do Convento
 Trazia sempre absorto o pensamento,
 E quando mais o corpo trabalhava,
 O espirito descansava,
 Pois do mesmo trabalho mais activo
 Tirava para orar alto motivo,
 Sendo effeyto feliz da melhor sorte
 Verse , cançado o corpo , a alma mais forte;
 Actos de amor no dia mais serenos
 Mais de duzentos eraõ pelo menos,
 Por isso logrou verse em toda a vida,
 Humas vezes dos Anjos assistida,
 Outras em clara voz mais afinada
 De hum Santo Crucifixo namorada,
 E naõ poucas por modo omnipotente
 Ao trono da Trindade foy presente,
 Bem Tendo

Tendo para este voo taõ suaye
 O favor daquella Ave,
 Que desfazendo o mal que nos consome,
 Da primeyra ruina muda o nome.

XIII.

Já vos disse que orava o tempo todo,
 Mas naõ disse inda o modo;
 Agora he que vos peffo
 Attenção para ouvir este progresso:
 Orava desta forte,
 Ou lá na eterna vida, ou cá na morte
 Quando considerava,
 Que auxilios vos parece que implorava?
 Fazeylhe voz a conta,
 Que eu tenho a admiração já quasi tonta:
 Da Trindade Divina, a que assistia,
 Desta sorte os influxos pertendia;
 Do Padre, de que immensa a gloria seja,
 Era a misericordia a que deseja;
 Do Filho pede aquelle amor profundo
 Que o fez victima fer do ingrato mundo;
 Logo da Pomba amante
 Roga a luz incessante;
 Depois ao vivo templo da Trindade
 Pede aquella humildade;

Com que lá na Embayxada que escutava
 De Rainha dos Ceos se fez escrava;
 Aos Anjos protectores o disvelo,
 A todo o Patriarca o santo zelo,
 Aos Prophetas o espirito que os aviva,
 Aos Apostolos Santos a fé viva,
 Aos quatro Euangelistas a verdade,
 Aos Martyres constancia, & charidade,
 Exemplo aos Confessores,
 A todo o Anachoreta os seus rigores
 Da sua sempre exacta penitencia,
 A's Virgens a pureza (alta excellencia!)
 E ornada entaõ destas virtudes todas
 Entrava alegre nas celestes vodas,
 Onde a levava extatica hum suspiro,
 Atè tornar da vida ao doce gyro.

XIV.

Assistindo do Altar ao Sacrificio
 Da alegria, & do pranto fez officio;
 Entrava sempre alegre, mas chorosa
 Vendo de Christo a morte taõ penosa,
 Para a memoria alli representada
 Sahia desmayada;
 Parece que offreciaõ nesta magoa
 Soccorro os tenros olhos àquella agoa

Que a violencia do ferro sem respeyto
 Tirou do sacro já defunto peyto,
 Sendo o mar deste pranto nunca enxuto
 Fineza ao mesmo tempo, & mais tributo.

XV.

Nunca se vio que RITA com laude
 Da obediencia santa se descuide;
 Inda ás vezes enferma como andava
 Nunca a preceyto algum se denegava;
 Como se o seu discurso fora bronco
 Regou perto de hum anno hum seco tronco,
 Sem que desse lugar ao seu conceyto
 De disputar o effeyto
 Para afroxar naquella diligencia,
 Que foy puro crysol desta excellencia,
 E da Prelada por industria rara
 Foy ley, com que a provára,
 Que humilde a fogeção que glorias conte
 Lavrou para grinalda da alta fonte.

XVI.

Vedes tão santa vida?
 Pois inda neste estado he combatida:
 Esse monstro infernal que não descança

Trazialhe á lembrança
 Do estado conjugal a natureza
 Dandolhe estes affaltos á pureza;
 E RITA neste caso que faria?
 Ou já com fogo ardente, ou neve fria
 Atormentava o corpo, que inimigo
 Todo o vivente traz sempre consigo:
 Tu corpo sensitivo (este argumento
 Lhe propunha no tempo do tormento)
 Se agora assim te queyxas, com verdade
 Dizeme, que farás na eternidade?
 Sentes o fogo? queyxaste da neve?
 Mal por mal, isso passa em tempo breve,
 Mas se tomares do appetite a carga,
 Que has de fazer na eternidade larga?
 Vê que outra neve lá, vê que outro fogo
 Atè desse a quem queyma, queyma o rogo,
 Onde os suspiros que debalde inflama
 São lenha eterna dessa eterna chama.
 Assim lhe argumentava,
 E como a logeytava,
 Ficava a seu pezar então corrido
 O Reyno escuro de se ver vencido.

XVII.

Como fez vida da pobreza santa.

(Vir-

(Virtude que lhe dava graça tanta)
 Fez o demonio sempre hum largo estudo
 De a tentar na pobreza como em tudo:
 No caminho de Roma em certo dia,
 Para onde a nossa Santa então partia,
 Certo dinheyro achou de metal louro;
 Mas tendo-o por aggravo, & por desdouro,
 Que faria com brio?
 Passava por hum rio,
 Arremessa o dinheyro, que em tanta agua
 Daquelle vil metal apaga a fragoa,
 Tinhaõ-lhe dito ha pouco as companheyras,
 Que guardasse o dinheyro sem cancellyras,
 Que a justa applicação daquelle pressão
 Podia acreditar este successo.
 Sorriuse RITA, disselhe engraçada
 Que era aquella moeda tão pezada,
 Que o pezo na remessa
 Foy que a fez facudir com tanta pressa;
 Que o rio que hia pobre,
 E fazerlhe esta esmola era acção nobre;
 Ficão pasmadas todas deste chiste,
 A Santa alegre, todo o inferno triste.

XVIII.

Muyto graves Authores,

Que

Que as graças superiores
 Escreverão de RITA cá na vida
 Com summissão rendida
 Affirmação que tivera (nem se escusa)
 Por mimo singular sciencia infusa;
 O que eu posso affirmar muy livremente,
 Que ella sempre fallou taõ gravemente
 Nas materias mais altas,
 Que já mais da noticia sentio faltas,
 Com palavras serenas
 Era alivio das penas,
 Consolava os trabalhos quando via
 Que a carga era pezada á que os sofria,
 Mostrando que no agrado em que se esmera
 Era oraculo a voz, que era de cera.

XIX.

Fallámos em favores soberanos?
 Entre agora por pasmo dos humanos
 O mais alto favor, o mais divino,
 Que da vida no curso peregrino
 Revolvendo a memoria
 Pòde já mais achar humana historia;
 Tinha RITA pintado
 No lugar do Oratorio retirado
 Hum Santo Crucifixo muy devoto,
 A quem

A quem confagra amante todo o voto;
Muytos tempos havia
Que com muytos extremos lhe pedia
Que a quizesse fazer participante
Daquelle sentimento penetrante,
Que esse Filho de Deos sacrificado
No madeyro sagrado
Sofreo taõ vivamente
Para remir a humana, ingrata gente;
Neste tempo hum varaõ de Deos sereno
Da famosa Provincia de Piceno
(Que já por commum fama
Hoje Marca se chama)
Antorcha soberana,
Que essa clara familia Franciscana
De outras muytas com muyto santa enveja
Acendeo para luz da Santa Igreja;
O Beato Jacobo , que o renome
Tem de monte Brandome,
Dessa Cidade de Asculi alta gloria,
Cuja virtude pede larga historia;
Este pois Varaõ Santo, esclarecido
Pelo Ceo conduzido
Aconteceo prégar em certo dia
Nessa Igreja Matriz , que de Maria
Toma o nome , de Cassia na Cidade,
Onde RITA se achou sem novidade,

Porque naquelle tempo peregrino
 Muyto antes do Concilio Tridentino
 Toda a Religiosa, inda a mais pura,
 Podia sair fóra da clausura;
 No meyo do Sermaõ com bem diavelo
 Empenhouse a mostrar com santo zelo
 As dores incessantes,
 Que os sagrados espinhos penetrantes
 Causáraõ na cabeça Sacrosanta;
 Afervora-se RITA, eyla se espanta,
 Acabase o Sermaõ, volta ao Convento,
 E do seu aposento
 Pintado na parede sem tardança
 Do Santo Crucifixo aos pès se lança;
 Dizendo-lhe entre queyxa, entre meyguisse
 (Hora reparay bem no que lhe disse.)

XX.

Meu Deos, & meu Amor Crucificado!
 Tanto ha já que vos tenho supplicado
 Que me deyxeis gostar por mais doçura
 Desses sacros espinhos a amargura,
 Que atèqui sempre a supplica detida
 Parece que não tenho sido ouvida;
 Já Senhor vos não peço
 (Pois sey que por indigna o não mereço)

Que

Que estampeis em papel tão imperfeyto
Esses cinco finetes, que no peyto
Do meu grande Agostinho soberano
Quaes no corpo desse Anjo Franciscano
Imprimio sabia a vossa mão divina,
Na celeste officina;
Muyto menos vos peço confiada
Que dessa Cruz Sagrada
O final soberano
Graveis neste meu peyto deshumano,
Porque para este sello peregrino
O de Monica ló foy papel fino;
Tambem já não procuro (inda que vejo
Que para aqui me inclina o meu desejo)
Que como Clara desse Falcomonte,
Luz do meu Orizonte,
Esse peyto abrazado
De toda essa payxaõ seja treslado,
Porque destes favores com respeyto
Por indigna me julga o meu conceyto;
Suspiro humildemente,
Vendo que padecestes innocente,
Sentir alguma parte desse estado,
Em que vos poz rebelde o meu peccado;
Se hade ser algum hora,
Que razão ha para não ser agora?
Hoje vos peço, amores, com carinho

Deffes setenta, & dous hum tal espinho,
 Que me imprima na fronte
 De tantas huma fonte;
 Fulminay, Deos amante, o doce rayo,
 Que eu daqui sem despacho já não fayô.

XXI.

Inda o ecco da supplica se ouvia,
 Quando já da parede despedia
 O Santo Crucifixo alli pintado
 Hum dos espinhos seus mais delicado,
 De quem alegre RITA
 Recebendo na fronte esta visita
 Tal simulacro deyxá na memoria,
 Que a estampa se fez credito da historia;
 Da mesma carne lhe ficou crecido
 Hum como espinho agudo endurecido,
 Com muyto mais fereza,
 Que inda os mesmos que cria a natureza;
 Tinha abayxo do espinho a amada Espôsa
 Huma chaga asquerôsa,
 Que apparecendo nella de repente,
 Mais que affombro do claustro, o foy da gente.

XXII.

Inda a chaga era o menos que sentia,

A corrupção da chaga he todavia
 O seu mayor tormento,
 Porque communicava o sentimento,
 Revelando a noticia pelo olfato
 O que RITA queria occulto trato;
 Tinha taõ graves dores,
 Que , a não ter os auxilios supriores,
 Ao favor como á morte
 Rendéra a vida entaõ com feliz sorte;
 Quando a dor a apertava,
 Dizia como quem se não queyxava,
 Creça , Senhor, a pena,
 Creça o valor , & faça a dor ferena.
 Mil vezes se os guzanos
 Pelo discurso de muy largos annos
 Da chaga cayem fóra,
 Ella na mesma hora
 Levantando-os do chaõ (quem tal escuta!)
 Os torna a recolher na humana gruta.

XXIII.

Perguntavaõ-lhe as Santas companheyras
 Com sotaque de Freyras
 Onde dera taõ grande cabeçada?
 A que RITA sorrindo-se engraçada
 Responde, que huma tonta nunca lente

Quantas dá cabeçadas á mão tente.
 Todas criaõ da chaga repentina
 Que fora alto favor da mão divina,
 Mas porque se soubeffe em tempo breve
 A origem que hum favor taõ raro teve,
 Faz o preceyto da Prelada logo
 Que RITA humilde fatisfaça ao rogo;
 Fia o caso da voz, esta o derrama,
 E passa do Convento para a fama.

XXIV.

Crecia a corrupção de tal maneyra,
 Que até RITA de si fora a primeyra
 No fetido vapor (he coufa rara!)
 Que a poder dividir se ausentára:
 O natural temor do corpo humano
 As Freyras intimida neste damno,
 De quem por hum rodeyo decoroso
 Mal deyxava ver se o medo vergonhoso;
 O contagio figuraõ que he preciso,
 E todo o bom juizo
 Podéra prometello ao mundo todo
 Vendo o vapor da chaga, o trato, o modo;
 Vio-se disto obrigada
 A prudente Prelada
 A dispensar com RITA no exercicio

Fazendo-a solitaria por officio,
 Passando entãõ do Coro RITA bella
 Para a prizaõ da cella,
 Onde ella por agora retirada
 A' solidaõ se entrega desejada.

XXV.

Qual RITA entãõ ficasse no retiro,
 Que tinha sido sempre o seu suspiro,
 Confidere, quem sente
 No estio rigoroso a sede ardente,
 Que em cama de espadana ao pé do monte
 Se acha dormindo a neve, bebe a fonte;
 Assim RITA parece que bebia
 Aquella soledade em que se via,
 Fresca neve, que ao pé da altiva ferra,
 Que na contemplaçãõ sobe da terra,
 Achava de repente o seu disvelo
 De tanta sede para o vivo anhelos
 A vida que alli faz, o que alli sofre,
 Guarda do seu retiro no seu cofre
 Como joyas divinas,
 Que o dote saõ das almas peregrinas;
 Assim se conservou não poucos annos
 Ajuntando thesouros soberanos.

XXVI.

No de mil , quatrocentos (assim leyo)
 Partido mais hum cento pelo meyo,
 Celebrava-se em Roma com portento
 O jubileo que vem de cento em cento,
 Que entã Nicolao Quinto concedia,
 E derramada a nova por Umbria
 Do Convento de Cassia com ventura
 (Porque inda não havia entã clausura)
 Para o ganhar partiaõ muytas Freyras
 De RITA companheyras,
 E como tendo enveja desta dita
 Fallando só com Deos lhe disse RITA:
 (Antes que agora vamos por diante,
 Deyxayme descançar hum breve instante,
 Sem perder a memoria
 Que he larga para hum folego esta historia.)

XXVII.

Divino Esposo meu ! meu Deos amante!
 (Cuido que aqui fiquey ; vou por diante:)
 Bem sey , por mais que a chaga me maltrata,
 Que era o querer cerralla ser ingrata,
 Mas se logrando agora mais favores

Saraffe dos sinaes ficando as dores,
Que gloria fora a minha, & que estimada,
Se de Roma fizera hoje a jornada,
Que as minhas companheyras Peregrinas
Fazem, porque da graça são mais dignas?
Em quanto a chaga preza aqui me teve,
Sempre me parecia o tempo breve,
Porque em toda a verdade
Estimey sempre muyto a soledade,
Onde estas graves dores
Dos meus affectos são despertadores;
Mas quando confidero, quando vejo
Do jubileo privado o meu desejo
Pelo asco desta chaga carcomida,
Que ha tanto a tantas gentes intimida,
Certo que isto me dá grave tormento,
E se quizeres, só para este intento,
Sem nota de engeytar o beneficio,
Suspender desta chaga este exercicio
Atè voltar ao logro desta dita,
Fareis novo favor á vossa RITA;
Mas de tal forte o peço,
Que pois dos altos bens ignoro o preço,
Deyxo na vossa sabia mão, prudente
O despacho da supplica presente.

XXVIII.

Inda o caso não tinha bem proposto,
 Quando Deos já lhe tinha feyto o gosto;
 O Medico Divino
 Com balfamo que applica peregrino
 Por mão de hum Paranympo soberano
 Cura extrinsecamente aquelle damno;
 No lugar onde espinho, & chaga teve,
 Alli nem já se dá vestigio leve;
 Apparece curada de repente
 (E que affombro seria para a gente!)
 Conheceo a Prelada
 Que a divina vontade era empenhada
 Em que RITA fizesse a romaria,
 Deulhe licença, alvorçoouse Umbria,
 Todas as companheyras
 Eraõ nos alvorços as primeyras,
 Partiraõ para Roma, em cujo alcance
 Eu tenho de ir agora mas que cancela

XXIX.

Neste santo caminho (he certa historia)
 Nem cabem no papel, nem na memoria
 As altas maravilhas, quaes amante

Obrou por esta santa a mão possante;
 Passava por hum povo,
 E dava-lhe de vida hum modo novo,
 Prégava sempre a Fé com peyto forte,
 Dava taes desenganos para a morte:
 Inda indo de jornada cada dia,
 Tal era a penitencia que fazia,
 Que ninguem que da voz lhe escuta o brado,
 Vive hum momento mais no seu peccado;
 Bastava para luz do desengano
 Ver hum corpo animado, que de humano
 Se cre que a semelhança desmentia,
 No penitente estado em que se via;
 Aqui neste caminho celebrado
 Foy do dinheyro o caso decantado,
 Que achado alli com pressa, sem desvio
 Arremeçou no rio;
 Desta jornada no discurso vario
 Apenas aceytava o necessario,
 Para que a vida, a quem mortificava,
 Sustentasse o desejo que a levava;
 Assim chegou de Roma á terra santa,
 A quem parte edifica, & parte espanta.

XXX.

Com suspiros, com prantos
 Visitava os lugares sacrosantos,

Vendo-se tam bem paga esta visita,
 Que ella buscava a Roma, & Roma a RITA.
 Andava o povo todo como estranho
 Vendo affombro tamanho,
 Toda a gente a seguia;
 Mas ella, que os applausos não sofria,
 Tomado o jubileo, com toda a pressa
 Vem fugindo ao concurso, que não cessa;
 Muytos tempos depois do seu retiro
 Se escuta sempre hum popular suspiro,
 Que no bem, de que ausente se lamenta;
 Do nome que repete se sustenta,
 Torna pelo caminho novamente
 Com zelo santo, ardente
 A prégar a observancia da ley santa,
 Até que cheya de excellencia tanta,
 Tornando a amanhecer a luz a Umbria,
 Chega do seu Convento á Portaria.

XXXI.

Mal tinha posto o pé na estancia interna
 (O' poder do alto Deos que nos governa!)
 Quando da maravilha por mais prova,
 Chaga, espinho outra vez se lhe renova;
 Se o passado vapor era asqueroso,
 Este, bem que por modo milagroso,

Crescendo para o asco cada dia,
 Muyto mais infofrivel se fazia;
 Aqui torna a cautella
 A fazer solitaria a RITA bella;
 No feu mesmo aposento
 Apartada do trato do Convento,
 Naquella soledade appetecida
 Se dava novamente á santa vida;
 Alli rendia a Deos amantes graças
 Por favores tão novos, por taes traças,
 Que nellas com suprema Omnipotencia
 Se acreditava a sabia providencia;
 Nunca perdeo jejum, nem disciplina,
 (Exercicio que teve de menina)
 A vida pela idade executada
 Entaõ mais esforçada
 Aquelle, bem que humano, corpo puro
 Exercitava no trabalho duro;
 Assim com peyto forte
 Para a guerra se ensaya já da morte.

XXXII.

Rendeose ultimamente a vida á cama,
 Occaso desta luz, cinza da chama,
 Ondeinda do rigor mortificado
 No cadaver mirrado

A deorganização do corpo humano
Dava os ossos por conta ao desengano;
Nos quatro ultimos annos já da vida
De todo o mantimento despedida,
Alimentada só do Sacramento
Do espirito mostra o grão pelo sustento;
Para esta amante Esposa
Sendo-lhe a cama a Cruz mais rigorosa,
Quando as dores reparte,
Quiz a meditação dar tambem parte;
Desde a luz em que a Aurora principia
Atè chegar às nove o claro dia
Contemplava taõ tenra como cera
Quanto o Divino Esposo padecèra
No poder insolente
Da barbara, da vil, da Hebrèa gente;
Das nove logo atè chegar às onze
(pena que mal soffrer pudèra hum bronze)
Confidera o que o corpo delicado
Do seu JESUS amado
Padeceo pelas ruas onde prezo
Do Sagrado Madeyro arrasta o pezo;
Dalli com suspensão, com doce enlejo
Atè partirse o dia pelo meyo
Meditava no estado compassivo,
Que na Cruz representa a Christo vivo;
Mas no ponto em que o Sol a meta tòca,

Com voz já quasi roca
 Em deliquios amantes como Aurora
 Do Sol Divino o triste occaſo chora,
 Ficando muda, extatica aquella alma
 Nesta amorosa calma
 Como aborta, eſcolhendo neste estado
 O ſilencio da voz antes que o brado,
 Humildade futil, que a distinguia
 Do Eſpoſo que entre os brados fenecia.

XXXIII.

Quando tornava do lethargo á vida,
 De todo o claustro vendo-se aſſiftida,
 Que agora já com natural clemencia
 Lhe faz no pranto os funeraes da auſencia,
 Repugnava eſta doce companhia,
 Eſcuſando-a com traça a cortesia,
 Pois ficando com Deos quer por fineza
 Nem laſtima de ver á natureza:
 Da medicina a docta habilidade,
 Perdendo a gloria já da novidade,
 Repetia os remedios, ſe convinha,
 Que eſgotados eſſa arte nobre tinha:
 Sempre nestes parenteſis eſtava,
 Huns acabados, outros começava,
 Moſtrando que ſe alenta deſta ſorte

A vida,

A vida , por descuido era da morte:
 Neste tempo os Orpheos do excelso Coro
 Ferindo a voz ao plectro mais canoro,
 Humas vezes das dores
 Os affaltos atalhaõ matadores,
 Outras vezes dos monstros do Cocyto
 Desterraõ doces o confuso grito,
 Que em solfa pavorosa
 Sõlta naquella parte a voz rayvosa;
 Depois passando da sonancia á vista
 Via o grande Bautista,
 O seu bello Agostinho peregrino,
 O claro Tolentino,
 E depois destas glorias por coroa
 (Feliz annuncio de huma sorte boa)
 Tendo huma inexplicavel alegria
 Vé nos braços da Aurora a luz do dia;
 Assim suspira que arda a humana cera,
 Onde a tocha espirando a morte espera;
 He symbolo fatal para a estranheza,
 Vendo saltarlhe o vento á natureza!
 O' certa ley do Fado mais violento,
 Matas a tocha quando acalma o vento!

XXXIV.

Competidora a terra dessa gloria

(Segundo diz a historia)

Por ter ultimamente aquella dita

Quiz a nobreza visitar a RITA;

Naõ pode o gosto conquistar ao pejo,

E ninguem logrou mais do que o desejo;

Huma parenta só de RITA bella

Por ser muyto chegada a vio na cella;

Pediolhe com ternura

Que se deyxre tratar com mais brandura,

E que de sua casa (assim lhe instava)

Visse o que desejava.

Ao que RITA cortez, inda engraçada

(Era do inverno na estação gelada)

Lhe disse com palavras carinhosas,

Que quer do seu jardim figos, & rosas:

Era o mez de Janeyro nunca enxuto,

Sabida negação daquelle fruto,

E ficouse entendendo,

Que aquillo he duvidar appetecendo:

Foyse logo a parenta pensativa

Chorando a causa desta dor esquiva,

E como de quem sente algum enleyo

He costume cuidallo de passieyo,

Daquelle vida os fins, já mais escassos,

Meditava a parenta em tristes passos;

Dos aposentos seus chega á janella,

E vê que huma roseyra ayrosa, & bella,

Q

Que

Que em fogo de cristal no prado ardia,
 Mongibello ás aveffas parecia,
 Porque cheya de neve para o rogo,
 Faz a grinalda de hum botaõ de fogo;
 Volta para effe tronco a que o castigo
 De Bethania apressára agora hum figo,
 Dos defejos parece temeroso,
 Que vê na Esposa, como vio no Espolo;
 Colhe-se o fruto, manda-se ás carreyras,
 Olhem que pasmo tal, & para Freyras.

XXXV.

Divulgou-se este caso, & sobre tantos
 Toda aquella Provincia encheo de espantos;
 Para todo o mortal pobre vivente
 Inculca o brado alivio docemente;
 Ao triste navegante mais devoto
 Entre a procella subita do Noto;
 Aquelle já cançado litigante,
 Tambem desfalecido navegante,
 Que nos mares da Corte onde desmaya
 Morto nas esperanças chega á praya;
 A todo o moribundo
 Do lethargo opprimido mais profundo;
 Tambem do Energumeno
 Ao contrario, mortal, sutil veneno,

Se a buscavaõ com fê, mostrava RITA
 Que a todos estes mortos refuscita,
 Porque por graça altiva
 Tinha poder na morte estando viva;
 Por isso já de Santa
 A piedade alto brado lhe levanta;
 Era o concurso á porta do Convento
 Feyra , que cabe só no pensamento,
 Mas era feyra franca por tal traça,
 Que tudo o que se dá, se dá de graça;
 Já neste tempo em publica contenda
 Alli vinha deyxar o cego a venda,
 O coxo para ornar esta gazeta
 Alli sólta a moleta,
 O morto ultimamente alli sem falha
 Tambem despe a mortalha;
 Successos , de que agora taõ sómente
 Vos heyde contar dous neste incidente.

XXXVI.

Vendo huma triste mãy com magoa forte
 Que huma filha que tinha estava á morte,
 Tendo tomado já no Sacramento
 Da precisa jornada o provimento,
 Quando entrava das ancias pelo abyfmo
 No mortal paracifmo

CORO CELESTE

Sahe a Mãy , já chorando sem prudencia
 Daquella unica filha a eterna ausencia,
 Por toda a rua porque passa grita
 Pelo favor de RITA,
 Neste mesmo delirio de quem ama
 Lhe foy parar á cama,
 Dando-lhe franca entrada a portaria
 Para taõ justa magoa nesse dia;
 Vio RITA a pobre mãy desconsolada,
 Fez Oraçaõ ao Ceo, donde outorgada
 A supplica lhe veyo,
 Volta entaõ para a mãy que neste enleyo
 Pela reposta espera,
 Dizlhe , que não se afflija , que Deos era
 Senhor taõ compassivo,
 Que a furia hade abrandar do Fado esquivo,
 Que vá com viva fé, pois firme nella
 Acharia já livre a filha bella;
 A Mãy que tal ouviu sem mais tardança
 Alimentando a vida da esperança
 Chega a casa , onde a filha ha pouco morta
 Vinha, qual a de Jephthe, abrirlhe a porta,
 Sendo o primeyro folego vivente
 A que vio melhorada de repente.

XXXVII.

Neste tempo tambem com grave excessõ

Do demonio possesso
 Já por antiguo damno
 A RITA se apresenta hum corpo humano,
 Onde erão, confundindolhe os sentidos,
 Quaes os géstos os altos alaridos,
 Como quem duidava
 Sugeytar-se ao poder que respeytava;
 RITA então com sossego, & com brandura
 Fez lhe o final da Cruz com tal ventura,
 Que esse dragão bramindo
 Da mão, como da Cruz se foy fugindo.

XXXVIII.

Chegouse o ponto, que he na fragil vida
 De todo o humano ser pezo, & medida;
 Instava esse momento adusto, & secco,
 Ultima voz do tempo já sem ecco,
 Que caindo no pégo mais profundo
 Não torna a ter reposta para o mundo;
 Deste termo apressado,
 Sómente para os justos descansado,
 Se achava já vizinha RITA bella,
 Quando na cama com feliz Estrella
 Vio junto á cabeceyra
 Os seus Santos amados em fileyra,
 Por outra parte os Anjos reverentes

Adorando aos que RITA vio presentes
 Christo Santo, & Maria,
 Que alviçaras pedirlhe vem do dia,
 Em que rota a prizão da humanidade:
 Irá gozar da eterna liberdade;
 Aqui se alegra agora a feliz alma,
 Começa a desejar a eterna palma,
 E se Deos já quizera,
 A mesma alma de alviçeras lhe dera.

XXXIX.

Chamou logo a Prelada,
 Deulhe conta que a hora era chegada,
 Nova, que inda esperada sem espanto,
 Não pode receber sem largo pranto;
 Pedio da Penitencia o Sacramento,
 Da graça para augmento,
 E foy traça de Deos bem conhecida,
 Que a faz dar conta então de toda a vida;
 Soube-se alli que a graça do Bautifmo
 Sem mortal paracifmo
 Conservou sempre pura,
 E que para o lograr com mais ventura
 Hora queymava o corpo, hora entre neve
 O reclinava como em cama leve,
 Para aplacar o estímulo possante
 Que o mortal inimigo vigilante

Pedindo ajuda á mesma natureza
Lhe oppoem contra a pureza,
De que ella vencedora
A coroa immortal cingia agora,
Sendo as lanças da guerra os alfinetes
Que entre a carne, entre as unhas nos retretes
Mais intimos metia
Com que a força inimiga rebatia;
Tambem se soube que do mesmo inferno,
Que lhe tinha hum mortal rancor interno,
Fora não poucas vezes açoutada
Privando-a da oração mais levantada,
Mas que logo alli mesmo no perigo
Para seu doce abrigo
Os Anjos vinhão de seu doce Esposo,
Outras vezes hũ Deos todo amoroso
Tomava por seu bello defenfado
Vir libertalla então deste cuydado;
Soubese juntamente
Que a mão Omnipotente
Destinou de suprema jerarchia,
Além do Anjo da Guarda nesse dia,
Que RITA se despofa
Dous Anjos mais com sorte venturosa
Que a guardem nesse estado (fanto intento!)
De todo o menos casto pensamento,
E logrouse esta dita de tal sorte,

Que

Que RITA sempre forte
 Nunca a Deos offendeo nem levemente
 Em pensamento algum menos decente;
 Então se foubé, onde se sabe tudo,
 Nesse da Confissão silencio mudo,
 Que a Divina clemencia
 Pagando aquella rara penitencia
 Com que RITA as vigalias celebrava,
 Dos objectos amantes que estimava
 Era levada á gloria
 Ver o premio que segue a essa vitoria;
 Author houve que affirma provocado
 Do amor mais abrazado,
 Que depois dos Apostolos parece
 Que não houve por Deos quem tanto ardesse;
 Sempre se ha de tomar este sentido
 Onde possa chegar encarecido
 Sem nota da Fé pia
 Que faz mayor a hum Santo no seu dia;
 Assim se preparava para a morte,
 Quem tanto trabalhou por esta sorte.

XXXX.

Dispensando jágora em todo o trato,
 De que tanto fugira o seu recato,
 A toda a freyra já no fim da vida

Quiz ver para lhe dar a despedida,
 A tempo, que neste ultimo bocejo
 Se encontrava reciproco o desejo;
 Vinha todo o Convento
 Para lograr do tempo este momento,
 Tudo quanto se ouvia nesta hora,
 Era fallar do Ceo com voz sonóra,
 E já quando da febre mais ardente
 A voz preza se vê, balbuciente,
 Manda ler da Payxão' na sacra historia
 A sentida memoria,
 Se acafo reparava
 Que a ausencia pelo pranto se queyxava,
 Acodia á ternura
 Consolandohe a magoa na ventura
 Que esperava lograr pela indulgencia
 Da Divina clemencia,
 Fez algũs termos nestes entremeyos,
 Mas os olhos da gloria erão correyos,
 Pelos quaes informava a vista attenta
 Ao desejo, que della se sustenta,
 Estando a forte já com semelhança
 Sem distinguir a vista da esperança.

XXXXI.

Fez a todo o Convento que era ouvinte

R

A pra-

A pratica seguinte,
Começando a oração pela Prelada:
Madre muyto amada,
Irmãs em Christo sempre muy queridas
Pela graça do mesmo Deos unidas!
Resolve-se hoje na commum miseria
Toda esta vil materia,
Tornada a pouca cinza, em que se encerra
Contente de ser nada o que foy terra,
Porque he da vida a negação presente
O descanso que o barro tem lómente;
Se tiver por ventura acontecido
Que| vos tenha offendido,
Humildemente peço
O benigno perdão que não mereço,
Porque de nosso Esposo
Temos o santo exemplo generoso,
Que sempre dos aggravos se esquecia,
E pela ingrata plebe intercedia;
Tantos descuidos tantas faltas varias,
Indaque involuntarias,
Confessadas agora, & conhecidas
Possaõ comvosco serem remetidas;
Pelo asco desta chaga tão nojenta
Para o trato violenta
Por tempo prolongado
Sinto a molestia que vos terey dado,

Mas conhecey da humana natureza
 A fugeyção que tem pela vileza,
 Sendo a miseria deste corpo humano
 Espelho para o vosso defengano;
 E porque não duvido,
 Que agora vos terey enternecido,
 Rogay a Deos por mim, que esta memoria
 Terey de vòs tambem na eterna gloria.

XXXII.

Ficou tudo em silencio neste espanto,
 Os officios da voz fazendo o pranto
 (Silencio, que então RITA interrompia
 Quando o Santo Viatico pedia,
 De hum Sacramento mais acompanhado,
 Que he dos viventes ultimo cuidado
 Quando para a partida
 Tratão de se prover do pão da vida)
 Apenas os recebe, quando logo
 Toma hum breve foffego o defafogo,
 Em cuja grave pauza de presente
 Por humas brandas vozes docemente
 Todo aquelle concurso que alli estava
 Perguntas, & repostas escutava,
 E soube-se depois que era o Bautista,
 Tolentino, Agostinho, a cuja vista

RITA se desentranha em mil ternuras,
 Que elles em vozes agradecem puras,
 De que o doce rumor alli nacia,
 Que apenas o concurso percebia:
 A pratica acabada,
 Tornando RITA em si, pede á Prelada
 A benção como a mãy que muyto préza,
 E com grande fineza
 A's fantas companheyras
 Pede que guardem sempre muyto inteiras
 Aquellas santas leys do claustro santo,
 Dò inferno para espanto,
 Sendo no amor de Deos, na charidade,
 Hum nobre Seraphim cada vontade,
 Negando esta potencia,
 Só para se lograr a obediencia;
 Depois lançando a benção sobre todas,
 Partindo por instantes para as vodas
 Do celeste Cordeyro
 Deu para o mundo o valle derradeyro.

XXXIII.

Na seguente manhã do novo dia
 Com suprema alegria,
 Commungando outra vez devotamente,
 Despedida de novo alli da gente,

Quando sentio que o termo era chegado,
 Compondo o corpo, então mais delicado,
 Tendo acesa da Fé na mão a vela,
 E tendo na outra mão o que a disvela,
 Aquelle Deos que para amantes laços
 Na Cruz, de que alli pende, estende os braços,
 Tendo á vista dos olhos, da Mãy pura
 A devota escultura,
 Por ambos, Filho, & Mãy, a quem se humilha,
 Faz dos amores seus doce partilha;
 Ella acabada, principia o gyro,
 Da vida breve natural retiro,
 Fixa os olhos no Ceo sem sobressalto,
 E vence esta distancia hum feliz salto,
 De cuja alta ventura para abono
 Fica o corpo dormindo hum doce sono;
 Neste instante das mesmas hũa Freyra
 (Tal era a companheyra)
 Vio que áquella alma os Anjos mais canoros
 Levavão para o Ceo cantando a coros,
 Noticia, com que o pranto nos consola
 Juliano Nicolla,
 Que em fórma de hũa pomba, della escreve
 Que o voo para a gloria fez mais breve,
 Naquelle mesmo instante
 O seu Santo Cadaver rutilante
 De tal luz se reveste,

Que era a lingua melhor do bem celeste;
 Pelo nobre aposento
 Aromatico entaõ todo o Convento
 Pela fragrancia a todos avifava
 Da gloria que immortal RITA gozava,
 E no tumulto já destes prodigios
 Se esperaõ para o culto outros vestigios.

XXXIV.

Para a vida immortal fez este ensayo
 Sabbado, vinte & dous do mez de Mayo,
 De quatrocentos, sincoenta & sete
 Sobre o milhar que a conta nos repete,
 Tendo este Anjo habitado entre os humanos
 Bõs setenta & seis annos;
 Os primeyros quatorze de donzella,
 Em que RITA na luz foy logo Estrella,
 Dezoito de casada,
 Quatro annos de viuva, & foflegada
 Quarenta annos de Freyra penitente
 Descançando em trabalhos docemente:
 Assim se faz a conta verdadeira
 De toda a idade inteyra,
 Sendo hum grande milagre que no abyfmo
 Do pranto se não perca o algarifmo,
 Porque todo o Convento

Não já da Magdalena (foy portento!)
Mas de RITA, que o nome lhe trocava,
Nas lagrimas faudoſas ſe afogava;
Onde agora o deixemos naufragante,
Porque em muy breve instante
Nas anchoras daquelle espirito puro
Verá todo o baixel que eſtá ſeguro.

XXXXV.

Ao meſmo tempo annuncios tão Divinos
Davão todos os fins,
Tocados pelas mãos dos Anjos bentos,
Que forão deſtas vozes instrumentos,
Como da maravilha para exceſſo
Diz Donato Donati do ſucceſſo,
Não já nas tristes vozes dos defuntos,
Mas repicando alegres todos juntos,
Alvorçando ao povo, a quem convida
Do festival repique a doce lida;
Deu-ſe elle logo então por aviado,
E de hũa amante preſſa atropellado
Ao Convento chegava,
Onde vendo os aromas que exhalava,
Pede com rogo brando
Que ſe lhe exponha o corpo, proteſtando
Que ſe neste deſpacho houver deſeyto,

O configa a violencia sem respeyto
 Daquella portaria,
 Que a devoção dispensa na oufadia;
 Assim se lhe outorgou, que aos hombros logo
 Dos Prelados da casa, para o rogo
 Da plebe, & da nobreza
 Se via amortalhada essa pureza,
 Que em feretro sublime então descança
 Para satisfazer tanta esperança,
 Edificio, que a fabrica engenhosa
 Levantou primorosa,
 Sendo de tanto culto neste dia
 Altar em profecia;
 Assim fica no templo o corpo exposto
 Ao sentimento parte, & parte ao gosto.

XXXXVI.

Qual habito tivesse, qual toalha
 Para os ultimos usos da mortalha?
 Diga aquella que sabe dos seus panos;
 E dirá que de Freyra em quarenta annos
 Hum só habito teve
 (Sejalhe hoje como elle a terra leve)
 Tal cheyro, taõ diverlo o corpo exhala
 Que quando a fama grita, o cheyro falla,
 E por aquella lingua mais que humana

Canonizavaõ RITA soberana,
 Vendo da santa fronte
 Como lá deffe Delphico Orizonte
 Nascer mais clara luz, que a luz do dia,
 Em que então transformada apparecia
 A chaga transparente,
 Que era puro diamante para a gente;
 As supplicas do povo erão velozes,
 E na salva das vozes
 A grata artelharia disparava,
 Sendo o final das graças que lhe dava;
 Cegos, coxos, & mancos,
 Na vista alegres, & nos passos francos,
 Já do mal escapados que os molesta,
 Saõ trombetas da festa,
 Que a poder de milagres faz o fruto
 De converter em vivas todo o luto;
 Estava hũa parenta já de idade
 Que inda tinha com RITA afinidade,
 Tempo havia aleijada,
 Rompe o concurso, tõe, & vay sem nada;
 O Governo de Cassia primoroso
 Fez lhe nobres exequias generoso,
 Faltava hum carpinteyro tão sómente,
 Que fizesse o cayxão como he decente,
 Por quanto hum só que havia,
 Enfermidade grave padecia,

Fez voto de fazello, se farasse,
 E RITA, que esperava que acabasse,
 Fez que alli de repente a vida cobra,
 Levanta-se, & vay pòr as mãos á obra;
 Brevemente a acabou com tal ventura,
 Que foy cofre daquella joya pura;
 Houve sómente hum duvidar gostoso
 Onde fosse o deposito ditoso;
 E a justiça das Freyras attendida,
 Que foraõ companheyras toda a vida,
 Depois daquella pausa
 Per ellas senteucea aquella causa;
 Lá se lhe deposita o corpo santo,
 Onde agora recorra o novo espanto
 Da gloria que sustenta,
 Porque deste meu canto a voz attenta
 Ao progresso da vida mais sonoro,
 Aonde a vida acaba, acaba o Coro.

Finis, Laus Deo, Virginique Matri.

FLORESTA DA GRACA,

Milagres Posthumos

DA

BEATA RITA.

FLORES FRAGRANTES, DE
que a devoção compoz este devoto
ramilhete, escolhendoas entre as
muitas que são odoríferas Es-
trelas no fragrante Ceo
dos seus prodigios.

PRIMEYRA FLOR.

PRIMEYRO MILAGRE.



EPOIS da morte de Santa RITA ficou logo o seu sepulchro com tanta veneração, que o consultava como a Oraculo sagrado, a piedade Christã: para se deliberarem os juizes nas sentenças, os soldados nas

batalhas, os navegantes nas viagens, todos hiaõ á-
 quelle veneravel deposito pedir movimento in-
 terior para seguir a melhor fortuna; ninguem foy
 á sua sepultura, que deixasse de vir despachado.
 Em obsequio desta maravilha

SONETO.

M Armore docto, sabio monumento,
 Pela humana piedade consultado!
 Dizeme, donde animas esse brado,
 Que o silencio te fica já violento?
 Se es terra atèqui do esquecimento,
 Quem te fez para as supplicas lembrado?
 Deixaste de fer marmore pezado,
 Movete dos suspiros qualquer vento.
 Nessa lingua immortal que agora cobras,
 Dando em milagres vozes por destino,
 Responde ao mundo, porque a gloria dobras.
 Ecco es do pò que guardas peregrino,
 Que palavras que o brado tem das obras
 Foraõ sempre argumento do Divino.

SEGUNDA FLOR.

Segundo Milagre.

A Brio Santa RITA os olhos no dia da sua
 Beatificaõ, & abertos lhe ficarão atègo-

ra no Santo Corpo incorrupto. Em obsequio desta maravilha

SONETO.

NA acção desse sentido soberano
Mostras ao mundo pela luz mais pura,
Que nada como o pò da sepultura
Aclara tanto a vista ao corpo humano.

Para estabelecer o desengano
Abres agora os olhos com ventura,
Quando na eterna vida já segura
A Igreja te consagra culto ufano.

Taõ certo o tempo foy , taõ ajustado,
Que da tua attençaõ foy largo abono
Abrir agora os olhos neste estado:

Dos hymnos que te canta em doce tono
Escutaste da Igreja o santo brado,
E foy força acordar do leve sono.

TERCEYRA FLOR.

Terceyro Milagre.

NO cofre em que se deposita o corpo bema-
venturado de Santa RITA (principalmen-
te a vinte , & dous de Mayo , que foy o dia da sua
morte) eleva-se o Santo Cadaver , algumas vezes

levanta a cabeça, outras estende os braços, & sempre com admiração do mundo em presença de todos. Em obsequio desta maravilha

SONETO.

Levantas a cabeça que descansa?
 Se he reparar na supplica, he forçoso:
 Estendes logo o braço poderoso?
 He tratar do remedio sem tardança.
 Moveres a cabeça, isto he lembrança,
 Que executa esse braço generoso;
 Da cabeça inclinada acto amoroso,
 Do braço liberal nobre pujança.
 Braço, & cabeça trazes na conquista
 Do favor que promettes nunca escaço,
 Que na cabeça, & braço se regista.
 Isto he para mostrar em breve espaço,
 Que a quanto da cabeça abrange a vista,
 Chega o poder activo do teu braço.

QUARTA FLOR.

Quarto Milagre.

EM Roccaporena, patria de Santa RITA, na casa aonde a Santa viveo se conserva hũa rotura no telhado, de que a mesma Santa se valia para

para de noyte ver o Ceo, & por onde entravão a visitalla os Anjos; sem que tenha podido a humana diligencia cerrar aquella janella milagrosa, ficando de tal sorte aberta, que resiste á neve que caye, & á agua que chove. Em obsequio desta maravilha

SONETO.

POrta-futil da etheria galaria!
 Abriote, quem te fez ao tempo izenta;
 Intentava taparte a maõ violenta,
 Desaggravoute logo, quem podia.
 Es oculo de ver ao longe o dia
 Que dessa luz eterna se sustenta;
 Se ès a respiração, que à casa alenta,
 Era o querer cerrarte aleyvosia.
 Foste centro feliz de vivo fogo,
 De quem conservas hoje a natureza;
 Foraõ taparte, resististe logo.
 A resistencia he natural defeza,
 Que se he proprio da chama o desafogo,
 Ficava muy violenta em ficar preza.

QUINTA FLOR.

Quinto Milagre.

EM vinte, & dous de Mayo, no Convento de Santa RITA de Cassia, em todos os de Italia,

lia, & na mayor parte dos de Hespanha da mesma familia se benzem muytas rosas com oraçaõ propria, que a Igreja destinou para esta solemnidade; fazem-se em pò, applicaõ-se aos enfermos, & obra Deos por ellas extraordinarios prodigios. Em obsequio desta maravilha

SONETO.

PO' sutil de hũa flor que se desmente,
 Porque em pò, da vaidade está despida!
 Pò que avisa! esse pò só cura a vida,
 Que deve ao pò fragrante o pò vivente.
 Pò tem de ser a vida brevemente
 Que hoje está de ser flor desvanecida;
 Porèm tanto que a flor se vê ferida,
 Remedio mais que o pò já não consente.
 A' flor só cura o pò que desengana,
 Pois vay de flor a pò breve momento,
 Doutrina, que deu RITA soberana.
 Vio que era o mal da flor o esquecimento,
 E por curar melhor a vida humana
 Fez de cinza de flores hum memento.

SEXTA FLOR.

Sexto Milagre.

TInha Ifidoro Valasco hũa escrava turca teimosa em viver na feyta de mafoma, acafo
 bei-

beijou esta hum dia hum painel de Santa RITA,
& logo nessa noyte lhe appareceo a Santa, deu-
lhe hũ fermoso pomo, exhortou-a a ser Catho-
lica, & daqui nasceo, que a escrava pedio a vozes
o bautismo, aonde recebeo a Fé, & se chamou
Eufemia Rita. Em obsequio desta maravilha

SONETO.

L Amina illustre, em sombras animada,
Para todó o remedio compassiva,
Que não conseguirás onde estás viva,
Se tanto pòdes onde estás pintada?

Vè-se agora hũa escrava resgatada,
Porque da tua imagem se cativa,
Teve a sombra poder na copia altiva,
Para a deyxar na fé desaffombrada.

Na gloria estavas quando obsequio grato
Te rende a escrava á copia com ventura,
E não quiz o Exemplar mostrarse ingrato.

Para todo ò favor que se procura
Deixate estar no Ceo, manda o retrato,
Será credito o longe da pintura.

SETIMA FLOR.

Setimo Milagre.

N As primeiras vesperas do acto solemne da
Beatificação de Santa RITA se altercou a
T
ques-

questaõ entre os Capitulares de Espoleto, & os Prelados daquelle Convento, sobre quem havia de capitular naquella solemnidade; passavão já as duvidas a violencias com grande confusaõ da festa, & com instante perigo de ruina; recorreão as Religiosas á Santa, pedindolhe, que abrisse os olhos da sua piedade; aqui os abriu Santa RITA, pacificou-se logo o tumulto, & continuou-se a festa. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

Para sossegar tumultos
 Abrio RITA os olhos bellos,
 Porque em quanto tarda o Sol
 He só que se embrulha o tempo,
 Acordou de hum doce sono,
 E trocáraõ-le os silencios,
 Ficáraõ fallando as vistas,
 E foraõ dormir os eccos.
 Todos palmaaõ deste caso,
 Eu não me admiro por certo,
 Que em quanto abre, & fecha os olhos
 Faz milagres RITA aos centos.
 Ninguem mais fallou palavra,
 Todos se accommodaõ, vendo
 Que nesta só vista emenda

As faltas de tantos cegos.
 Acodio pelos seus Frades,
 E abrindo os olhos serenos
 Arcou RITA as sobrançelhas,
 Ficarão todos tremendo.
 A demanda era renhida,
 Mas como RITA no pleyto
 Foy testemunha de vista,
 Ficou julgado o processo.
 Ficou respeytando Italia
 De dous Cesares o imperio,
 Pois para o poder dos olhos
 Foy ver, & vencer o mesmo.
 Soube-se o caso na Hespanha,
 Onde por este successo
 Estes olhos titulares
 Tem de grandes os respeytos.
 Eu sou muyto escrupuloso,
 Ainda me não contento,
 E depois de abrir os olhos,
 Para os ouvidos appello.

OYTAVA FLOR.

Oytavo Milagre.

EM doze de Agosto de mil seiscentos & oytenta & nove, na presença do Conego Dom

Ubaldo Laosi, de Pedro Amico Chancellor, & do Padre Fr. Juliano Nicolla, Confessor do Convento de Santa RITA (que he o que escreveo para a posteridade este successo) estando todos tres visitando ao santo corpo, virão que de repente perdèra o natural candor, & se cobrira de hũa escura, & denegrida sombra; ficarão perturbados com hũa taõ estranha, & repentina mudança; foraõ visitallo ao outro dia, acháraõ-no já com a sua propria, & antiga alvura, & logo se soube que na mesma hora em que aquelle santo corp^o se cobrira de negro, passára desta vida o Santissimo Padre Innocencio Undecimo, sendo milagrosamente aquella cor a demonstração fãudosa daquella morte. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

MInha RITA dos meus olhos,
Vòs com semblante mudado?

Tambem cuberta de negro
Dos olhos quereis ser alvo?

Nesse symbolo parece

Ao cativeyro que amamos,

Que he tomar a nossa cor

Honrar aos vossos escravos.

Como estais morra taõ bella,

Naõ

Naõ foy muyto que em tal caso
 Façais da cor azeviche
 Por vos naõ darem quebranto.

Das exequias Pontificias

Sois altar, que para o fausto
 Armáis o frontal na fronte,
 Cobrindo-a de negro pano.
 Eu não sabia que a ovelha,
 Morto o Pastor do rebanho,
 Se obriga em final do luto
 A tingir o vello branco.
 Porque morre o Sol da Igreja,
 Entrastes vòs nesse occaso?
 Como he certo, que sem Sol
 Falta logo a luz nos Astros!

Eu se vos vira de luto,

Naõ fizera em tal reparo,
 Que a quem he taõ compassiva
 Nunca o ter dò fica estranho.

Isto não foy cor, foy sorte,
 Que em preto tem sempre applausos,
 De que foy puro escrutinio
 Do tumulo o cayxaõ sacro.

Ha de faltar luz ao Sol
 Quando se vestir de saço,
 Porque o luzir nessa cor
 Gloria he só dos vossos rayos.

NONA FLOR.

Nono Milagre.

EM Roccaporena, patria de Santa RITA, tinha Joaõ Sylvestre o seu domicilio, & cahindolhe hũa filha que tinha, chamada Antonia, no rio que fertiliza aquelle terreno, foy arrebatada das aguas; que todos alli julgavaõ cristalino sepulchro daquella vida; foy a diligencia buscar este defengano para a lastima, & da banda dalèm do rio, na margem delle viraõ Antonia pedindo a vozes, que a ajudassem a louvar a RITA, que a tinha livrado daquelle perigo. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

Que pranto, que susto he este?
 Quando todos hoje afflictos
 Choraõ do rio o naufragio,
 Eu só do naufragio rio.
 Para applaudir hum milagre
 Por hum tão galante estylo
 Melhor do que os olhos d'agua
 Quizera as bocas do Nilo.
 Na patria de RITA bella

Ninguem teme aquelles riscos,
 Que perigar em cristaes
 Já se não verão Narcisos.

Chamava-se o rio CORO,

E alli grato ao beneficio

De CORO ajustado ao canto

Se fez musico o perigo.

Em logo me ri do caso,

Pois por gloria do prodigio

Hum naufragio que se canta

Parece cousa de riso.

Vio-se huma vida entre as ondas,

Mas vio-se com tanto brio,

Como quem se vê no espelho,

Que he seu defençado o vidro.

Nas molduras do favor

Fez-se o susto cristalino,

Onde o milagre rizonho

Lifongea os alvedrios.

Foy RITA Saõ Brás das ondas,

Livrando a hum corpo já tibio

De esquinencias de cristal,

Que ás vezes são garrotilhos.

Qual seja esta maravilha

Julgue sómente advertido,

Quem conhece o quanto custa

Hum morrer de afogadilho.

DECIMA FLOR.

Decimo Milagre.

NA Cidade de Cassia he taõ summamente frio aquelle clima, que no Convento de S. RITA dispensa a necessidade com as Religiosas no refeytorio o terem reçaõ de vinho; fez a pobreza da casa em hũa occasiaõ carecer a Prelada deste preciso alimento, & estando toda amofinada pelas pensoes do officio, chegou a Porteyra com a noticia de que á portaria se tinhaõ descarregado dous odres daquelle licor; quiz saber a Prelada, quem era o que os trazia. Respondeo o almocreve, que se chamava Angelo; & sem outra reposta desappareceo logo dos olhos, faltando tambem da vista o bruto, em que a carga se tinha conduzido. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

E Ste he dos que tenho lido

Hum dos mais galantes casos;

Tambem parece que ás vezes

Nos Santos ha desenfados.

Para gastar o seu vinho

Poz hoje RITA o seu ramo,

E da taverna celeste
 Fez almocreves aos Anjos.

Que milagre para Freyras!
 Inda agora nestes annos
 Fora á que não bebe vinho
 Permittido o trasfegallo.

He jágora este licor
 Por toda a parte tão grato,
 Que apenas aos Santos Bispos
 Deyxamos os doces bagos.

Não se vio mais o almocreve,
 Nem do bruto se achou rasto;
 Fez bem; tinha vindo a pè,
 Quiz recolherse a cavallo.

O vinho ficou sómente,
 E não faz menos ao caso,
 Que onde elle chega, se he bom,
 Desapparece voando.

Quiz a celeste milicia
 Do refeytorio no campo
 Ver a sua Infantaria
 Guarnecida dos seus frascos.

Tinha o frio posto em cerco
 Aquelle Mosteyro santo,
 E fez-lhe o Ceo esta mina
 Para o vencer por assalto.

Gastouse no refeytorio

Com gosto este vinho brando,
 Onde no copo a modestia
 Brindava a RITA os applausos.

UNDECIMA FLOR.

Undecimo Milagre.

TInha Joaõ Nuceo, natural de Atri, Villa de Cassia, hum filho por nome Andrè; teimou este em cortar hum dia hũa grossa, & robusta nogueyra, sem acautelar o perigo, que promettia a ruina da arvore; eis-que de repente cahe todo o peso daquelle madeyro sobre o delicado corpo, grita entaõ o enterrado, mas ainda vivo mãcebo pelo favor de Santa RITA, & no mesmõ instante afasta-se a arvore, faye Andrè debayxo della vivo, saõ, & sem sombra de sentimento. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

Cortava o mancebo Andrè
 Hũa arvore, que por teima
 Lhe poz (caindo-lhe em cima)
 Sobrenome de nogueyra
 Nuceo (que era o seu renome)
 Coufa de noz se interpreta,

De cujo appellido o tronco
Lhe poz nos offos a imprenta.

Era pezado o volume,
De quem na estampa violenta
Já no humano pergaminho
Tanta folha se encaderna.

Já debayxo da ruina
Favor pede a RITA bella,
E da sombra que o sepulta
A' melhor sombra se chega.

Sustenta RITA o madeyro,
Fazendo das nozes mesmas,
Que fossem nozes noscadas
Contra colica taõ teza.

Sahio livre do perigo
Defatando maõ suprema
Muyto mais que cegos nõs
As nozes entaõ mais cegas.

Fez triaga do veneno,
Sem lhe mudar a materia,
Porque he já laço', que afroxa,
O que foy laço, que aperta.

Arvore era Andrè tambem,
Mas distinguem-se em ser ellas,
Arvore hũa, que se corta,
Arvore outra que arrebeta.

Disso he que Andrè se livrou,

E como arvore hoje offerta
Flores , que a RITA consagra
Por eternas primaveras.

DUODECIMA FLOR.

Duodecimo Milagre.

NAs casas de D. Clara Calderini, mulher de
João Polidoro natural de Narni, se levantou hum incendio a dezafete de Abril de mil seiscientos sincoenta & dous, taõ poderoso nas chammas, como quem as augmentava sem resistencia, por que naquelle repente não havia mais agua para as apagar, que a dos olhos que choravaõ aquella ruina, a quem o fumo já escondia por desviarlhe aquelle pequeno soccorro da lastima; neste aperto recorreraõ os affustados Colonos daquelle predio urbano ao favor de Santa RITA promettendolhe hũa novena: caso maravilhoso! entrou o fogo em comprimentos com o voto, parou o incendio, & sendo naturalmente o vento o que acende a chamma, foy o ar daquelles suspiros, que se consagraraõ a RITA, o que apagou as lavaredas. Em obsequio desta maravilha

ROMANCE.

E Sta vez, fenaõ me engano,
Ha pleyto entre grandes Santas;

Santa Barbara he do fogo,
Santa RITA apaga as chãmmas?
Em boa me hia eu metendo!
Santa Barbara não falla,
Eu sou o que faço a bulha?
Lá se avenhaõ ellas ambas.
De Dona Clara recorre
A RITA a casa abrazada,
E a protecção mais que o fogo
Fez a casa entaõ mais clara.
Estas sumissoões do incendio,
Esmorecendo-se as brazas,
São da mão que lhe resiste,
Respeytos que á neve guarda.
Cuydando achar casa, & vida
Vinha o fogo de morada,
E RITA tiroulhe a vida,
Deyxando a seu dono a casa
Como estranhando a materia
Consumiose logo a fragoa,
Sendo as ultimas faiscas
Do milagre as luminarias.
Dos finos a voz que grita,
Reconhecendo a façanha,
Já não foccorria as preces,
Publicava a acção de graças.
Enxugava Clara o pranto,

E de tanto empenho grata
 As memorias do socorro
 Nas mesmas cinzas guardava.
 Nem porque logra o favor,
 Deixa as lagrimas poupadas,
 Chora agora agradecida,
 Quantas chorou lastimada.

DECIMA TERCEYRA FLOR.

Decimo terceyro Milagre.

Desmentio huma pedra no ultimo degrão de hũa escada a firmeza que tinha prometido á arte, & trazendo precipitada comfigo hũa pobre mulher, cujo pé sem cautela, aonde não conhecia o perigo, palpou a ruina, fezlhe as costas em pedaços; ficou o corpo despedaçado, esperando para descançar por instantes a sepultura; fez voto de visitar a de Santa RITA, se escapasse daquelle estrago, mas a esperança estava já tão tibia como o coração: ainda assim ouvio-se a supplica, soldouse por si mesma a natureza, levantou-se a moribunda viva, & foy cumprir na mesma hora a sua romaria. Em obsequio desta maravilha

DECIMAS.

GRande affombro para as gentes!

Pois haõ de ficar pasmadas;

Vinhaõ ver costas quebradas?

Pois acháraõ costas quentes:

A mulher nestes repentes

Fez a RITA taes propostas,

Que as partes logo compostas

Do corpo (he caso fatal !)

Das mesmas costas o mal

Deytaõ para traz das costas.

Levantou-se já taõ léda,

Que o mesmo com desafogo

Foy darlhe as costas , que logo

Despedirse alli da quèda:

Este favor arremèda

Ao poder de que se anima;

Ao voto a mulher se arrima,

Porque atraz de hum tal despacho

Depois de ir cabeça a bayxo

Fora o tardar costa affima.

DECIMA QUARTA FLOR.

Decimo quarto Milagre.

JOaõ Andrè, filho de Fabiaõ Fortunato, sendo de muy pouca idade cahio dentro de hum
gran-

grande alguidar de agua fervendo ; acodio a ancia de sua mãy áquelle naufragio de fogo disfarçado em neve, & tirou delle ao seu tenro Narciso abrazado já quasi morto , porque na boca , & nos olhos fez o seu mayor emprego aquelle cristal ardente : gritou a mãy por Santa RITA, prometeo levar o filho ao seu sepulchro , & no mesmo instante abriu os olhos , fallou o menino , & foy a mãy cumprir na romaria o voto que tinha feito. Em obsequio desta maravilha

DECIMAS.

Vio morto huma mãy sentida
A hum filho em cristal fervente,

E RITA dessa agua ardente
Fez remedio da ferida:

Apenas a mãy sem vida

Fez hum voto nesta magoa,

RITA da nevada fragoa

Tira ao tenro infante em paz,

Porque os milagres que faz

Foraõ sempre ao lume d'agua.

De cozinha parecia

Do milagre o desenfado,

Porque daquelle afogado

Logo fez outra iguaria:

Deitou

Deitou bem fal neste dia

RITA no prato, porque

Quando da mãy vio a fé

Tempéra do filho a fragoa,

E depois de affado n'agua

O poz estofado em pé.

DECIMA QUINTA FLOR.

Decimo quinto Milagre.

EM dezafete de Fevereyro de mil seiscentos oitenta & nove levava Francisco Mestre livreyro hũas estampas de Santa RITA ao Convento dos Religiosos de Santo Agostinho da Cidade de Valença ; passou acaso pela tenda de Francisco Moreno, violhe as lagrimas nos olhos, por onde lhe fahia o coração em pedaços ; perguntoulhe a causa. Respondeolhe o desconfolado amigo, que havendo nove mezes que sua mulher estava com sinaes de mãy, em todo este tempo não sentia no ventre creatura viva, & que ultimamente estava quasi espirando depois de ter cançado as experiencias da medicina, para a absolverem da duvida, de que a não pode livrar a arte: deulhe então o livreyro hũa estampa de S. RITA, para Francisco Moreno a applicar á sua já desfalecida consorte, dizendolhe, que tinha gos-

to que Santa RITA lhe fizesse este milagre: assim o fez o marido, & assim o fez a Santa, porq̃ applicada a sua imagem ao ventre já agonizante, na mesma hora se sentio o féto animado, que a seu tempo foy hũa filha bella, que veyo justificar este prodigio. Em obsequio desta maravilha

DECIMAS.

HA graça mais inaudita?
 Bem pudera em pressa tanta

Ser madrinha qualquer Santa,
 Mas comadre, Santa RITA:

A' mulher que estava afflicta

Chega a copia celebrada,

E dando a prole ignorada

Logo o final que se espera,

Bem mostrava RITA que era

Para este officio pintada.

Seja o mal qual succeder,

Chegue lá RITA em figura,

Que onde se applica a pintura,

He pintar como querer:

Por isto mesmo a meu ver

He RITA em casos mayores

Comadre com mais primores,

Que acodindo a todo o mal

Se faz comadre géral,
Pois de todos toma as dores.

DECIMA SEXTA FLOR.

Decimo sexto Milagre.

NO anno de mil , quatrocentos , & oitenta & nove, se achava hũa pobre mulher natural de Logna , havia tantos tempos paralitica , que atè parece que tinha a lingua entrevada , porque em todos aquelles annos não tinha pedido que a levasssem á sepultura de Santa RITA , quando não era possível que deixasse de lhe ter chegado a fama dos seus milagres ; lembrou-se ultimamente do seu patrocínio, quando a vida já não tinha outro remedio ; pedio que a levasssem ao sepulchro da Santa , aonde chegou nos braços da piedade alheya; mas he caso maravilhoso, que no mesmo instante cobrou saude, & voltou para sua casa pelo seu pè com assombro de todo o povo. Em obsequio desta maravilha

DECIMAS.

CAfos tem RITA afamados,
Que eu tenho por nunca ouvidos;
Porque o dar pès a tolhidos

Saõ nella passos contados:
 Na solfa dos entrevados
 Com passos de alternaçaõ
 Quando canta o milagraõ
 A fama, a que o caso espanta,
 Desses passos de garganta
 Faz RITA o seu canto chaõ.

O milagre agora fez,
 Que a RITA o mundo bemdiga,
 Ficando pès de cantiga
 Os que nem bem eraõ pès:
 Por esta solfa esta vez
 O seu favor nunca elcasso,
 Dando á vida novo espasso,
 Para toda a humana lida
 Traz a graça tão medida
 Que tudo se faz compasso.

DECIMA SETIMA FLOR.

Decimo setimo Milagre.

TInha o Sol nos passados annos despedido os rayos com tanta violencia contra os dilatados campos da Villa de Engera, que fazia crer aos seus habitadores, que nacia nelles a luz mais para a vingança, q̄ para o dia; queimava as esperanças dos frutos, porque o que se tinha semeado em

em terra não podia nascer em brazas, salvo para se recolher em cinzas: fizeram os moradores daquella Villa hũa devota procissão a hũa imagem milagrosa, q̄ veneravão com o titulo de Menino perdido, & ainda depois das preces se achavão os Ceos de bronze: lembrou naquelle desamparo á Excellentissima senhora Condeffa de Aná o patrocínio de S. RITA, instauráraõ-se as supplicas do povo, fizeram á Santa outra solemne procissão, que o Sol naquelle dia queria impedir teymoso, porque nunca esteve mais activo nos rayos: cantou-lhe a Missa, principiou-se-lhe a sua novena (caso maravilhoso!) mudou o Ceo aquelle bastidor de fogo, & desfizeraõ-se as nuvens em agua sobre aquelles campos, fazendo ao anno nunca tão feliz. Em obsequio desta maravilha

DECIMAS.

DO Sol contra a viva flama
 Pede amparo o rogo ardente
 A' Santa Imagem, que a gente
 Menino perdido chama:

Quando as supplicas derrama
 Do Sol então mais ferido,
 Ve-se o povo confundido,
 Notando que he para a dita

Buscar Deos fóra de RITA,

Buscar Menino perdido.

Pedem de RITA a valia

Porque extingua ao Sol o ardor,

E fezlhe RITA hum favor,

Que castigo parecia:

Foy tal a graça em tal dia,

Que em chuva converte a fragoa,

E quando á popular magoa

Lhe concede o defafogo,

Deulhe, por vir tarde o rogo,

Hum anno de paõ, & agua.

DECIMA OYTAVA FLOR.

Decimo oytavo Milagre.

SEndo Confessor do Convento de Santa RITA de Cassia o Padre Frey Gregorio Anselmi de Offida por discurso de dez annos, todas as vezes que era preciso ir assistir de noyte a alguma Religiosa agonizante, muyto antes que as Religiosas o chamassem ouvia em sonhos huma voz, que lhe bradava repetidas vezes: *Padre Confessor! Padre Confessor!* Acordava, vestia-se, & dahi a pouco chegava recado, por onde o chamavão para os apertos da ultima agonía, anticipando Santa RITA os avisos para o preciso remedio

das

das suas Religioſas moribundas ; & foy em huma occaſião com tão eſtranha novidade , que eſtando a Madre Ifabel enferma de catarro , couſa muy leve no juizo dos Medicos , & no conceyto das Religioſas , moveo interiormente o impulſo daquelle pio Confeffor para que entraffe a viſitalla , & administrarlhe os Sacramentos ; aſſim o fez contra o commum parecer de todos ; confefſouſe a Madre Ifabel , recebeu com o Viatico a Unção , & dahi meſmo partio logo para o eterno deſcanço. Em obſequio deſta maravilha

D E C I M A S .

P Ara o minũto preciso
 Davaõ dous relogios horas;
 No da vida ha mais demoras,
 No do Sol mais prompto avifo:
 A luz que em RITA diviſo
 Do vital curſo ligeyro
 Foy moſtrador mais inteyro,
 Porque no humano arrebol
 Como relogio de Sol
 Aponta as horas primeyro.
 Em relogio facilita
 Sempre a protecção mais rara,
 Que ſe o relogio não pára,

Que

Que mais relógio, que RITA?
Quando ao Confessor lhe grita
Cuidadosa a inspiração,
Com mais semelhança então,
Instando desta maneyra,
Foy relógio de algibeira,
Que tinha repetição.

FIM DA FLORESTA.

Finis, Laus Deo, Virginique Matri.



EM HONRA DE SANTA RITA, LOUVOR,

& gloria sua, & em agradecimento de hũ notavel milagre, que por voto deu principio

a esta obra, escreve o Author

deste livro este

ROMANCE ENDICASYLABO.

Luz fermosa de Cassia! que virgem,
 Que casada, viuva, que Freyra,
 Para encher quatro partes do mundo
 Quatro estados tivestes na terra!
 Já ditoso este numero santo
 Era annuncio da gloria que encerra,
 De que em quadro descreve a Cidade
 Aquella Aguia que alli doura as pennas.
 Quatro dotes fez Deos para as almas,
 Quatro humores no corpo conserva,
 Quatro partes deyxou para o anno,
 Elementos deu quatro as esphéras.
 Quatro rios o mundo ennobrecem,
 De que perde entãõ dous quando pecca,
 Pois de quatro este numero logra
 Só no estado feliz da innocencia.
 Animaes os do carro eraõ quatro,
 Quatro teve Evangelhos a Igreja,
 E no lanço do dado Divino
 Tambem vòs nos deitastes quadernas.

Ven-

Vencedora immortal de impossiveis,
 Que direy dessa rara destreza,
 Se os que laços de Gordio desfata
 Saõ nõs cegos de amor que nõs deyxã?
 Que direy do Carbunculo Sacro,
 Que luzindo nessa fronte tenra,
 Lem que rara, confirma a noticia
 De que he joya que nasce na testa?
 Aceytay de hum rendido cuidado
 Jardineyro das flores que enfeyta,
 De escolhidos, devotos milagres
 Lite ramo que fez na Floresta.
 Muytas flores me ficaõ no prado,
 Onde a vista as terá que as deseja,
 Porque a maõ do jardim nunca esgota
 A fragrante Republica bella.
 Quem por sede que tenha mais grave
 Quando a serra em cristaes se despenha,
 Bem que sorva essa candida prata,
 Esgotar pòde as liquidas veas?
 Sorvo foy dessa fonte este ramo,
 Que de escumas formando açúffenas,
 De cristaes como puros Narcisos
 Copias fez da mais nobre Amalthea.
 Hum milagre vos devo que agora
 Desejára cantar, se pudèra,
 Onde o vosso soccorro me salva
 De impossiveis no mar que se cerca.

Hia rota esta pobre barquinha,
 Já sem leme, sem remos, sem velas,
 Vòs então por quem grito afogado,
 Sustentais-me a pezar da tormenta.
 Do naufragio foy taboa este livro;
 Fiz hum voto, furcando as maretas,
 De escrevello, se achasse do porto
 O descanço das prayas serenas.
 Quando vi que livrava do golfo,
 Mal tocava as douradas areas,
 Para o livro o papel já dobrava,
 Na mão fraca inda tremula a penna.
 Comeceivos o livro da vida,
 E de forte medistes a empresa,
 Que no dia em que a vida acabastes,
 Acabey deste livro a materia.
 Testemunhas os Condes do Rio,
 Que abonada de tanta excellencia
 Será crida esta pura verdade,
 Porque sabem muy bem do poema.
 Tão felices agouros notava,
 Que erão linguas da graça suprema,
 Quantos via que punha por solfa
 Pasmos, que erão já mais do que as letras.
 Vòs fizestes benigna o milagre,
 Eu pagueivos o voto; o que résta,
 Por lograr sympathias amantes,
 Que me alente o ardor que me queima.

*Cum Beata RITA in fortunatissimo vitæ obitu di-
vino ardore aestuabat, ut caelestis flamma in om-
nium cordibus serpat, iterùm mors ignem alere
cupit; utque fulguris effigies Cælorum radios mū-
do inferre valeat, denū ante oculos versatur*

LETHALIS ICONISMUS.

TAm, jàm instabat tempus, ultimique diei, &
brevis hora, & præter hinc amara valdè mor-
ris ictum sensibus non negabat; tunc, quæ cir-
cumstantabant mœstæ sorores desiderio tenebantur;
aspiciebant namque, & natate oculos, & de puro
RITÆ corpore frigidum jàm sudorem, utpotè
liliaceum, ruere: manabant ubertim lacrymæ;
ad omnia, nisi ad suspiria, aures peregrinabantur;
ipsæ dolore pressæ tunc voces reddere linguæ ne-
gabant; marmoreæ adhuc rupes, & aspera saxa
liquefcunt: quid non excudet in pectore, si do-
lor in rupibus sic sigillavit.

E P O S.

NOmne vides quã triste nemus? quã tristia circū
In sylvis arbusta sonant? pecus omne per agros
Pabula leta nequit gustare, fluentia retrò
Flumina conspicias, vitreo sub gurgite Nymphæ

*Abfcondere caput, ferali carmine Bubo
Intonat arboribus, dulcis Philomela per umbram
Mæſta gemit, tantos forſan miſerata dolores.*

Sic gemiſcebat orbis, ſic laſſatæ rupes ſociarum virginum fletum movebant; tunc ſpe vitæ depositâ in ictu prævento cordis undæ, amoris lacrymæ ſuprema RITÆ ſolvebant; quæ ſuam omnibus ſtudium navans, loquentes lacrymas ſic intercipiēbat.

Cur (ò gratiſſimæ ſoroꝛes!) lætitiā excepit luctus? cur hilares, feſtosque dies repente fortuna turbavit? (ò lætis ſors nimiūm invida rebus! fortia ars adhibet medicamina Phœbi, non tamēn jam vulneris ictum medicare valet: ſi Superiorum Genitor miſeratus ab alto Cælo pro temporali vitâ æternam ſalutem differre jubet, non me atra dies auferet è faucibus orei, & animam ſponſus eripiet, & Cæli curſum ad ſidera reget: animo procūl exuite timorem; nō unquam mors vitam rapiet, grates Tonanti perſolvite.

Dixit: & cujuſdam luminis radij ante torum viſi fulgentia, tempora cingunt; tranquilloque vultu illic clementia ſedet: tūc maximopere quia ſumma contentione Angelorum panem eſſagitat, in honorem tanti hoſpitiſ orationis ad auras jam ſurgere thuriſ odor non ceſſat; non Phrygiæ, ſed virtuali textu animæ domum mira-

bile velamen exornat ; amoris ostro, & puritatis auro corporis paries insignis refulget ; denique longo flammaram charitatis ordine illud naturæ templum, ut altare Dei sacrum, & lucet, & virtutum fertis recentibus halat : ad omnia visendi studio frequens undiquè sororum vulgus confluerat ; omnes ab imo corde suspiria trahunt, lacrymas cient, crebris & vix singultibus hærent.

Cibavit se RITA pane, ritèque se Deo sacrauit ; adhuc in terris moratur, & jam scandere super sidera creditur ; instar palmulæ remi, quæ frangi cernitur, ac submersa crystallo duplex efficitur : sic RITÆ mortis pelago, faventibus solis radijs, succumbens vita producitur : tunc mors, ut pectus nudaret, ardoremque detegeret, vineam pampinabat ; jam necis manus falcem ad vitalem segetem mittebat, Ritamque ictum agnoscentem, ut Deo purum immolaret granum, vitæ exitus triticum adhuc palantē invenit ; morientis, ut vivat, affectus meliùs hæc expriment.

C A R M I N A.

Accipiensque manu pendentē ex arbore Christū,
 Dulcia sacratis figens mille oscula plantis,
 Talia voce refert: Totus mi dulcis JESUS
 Es meus; ipsa ego tota tui sum; cælica tecum

Regna

*Regna petam, gressus celerat, simul ibimus ambo;
Ardet flammis namque poli mens conscia, terris
Et vixisse satis; patriam properemus ad urbem.*

Immemor pœnarum nulla doloris signa dedit, quin potiùs dulcissimum somnum carpens, meliori vitæ consulit. Heu dolor! cum impetus Austri perfurit, urticas, vilesque herbas, a rustica linquens gramina, per amœna rosaria sævit! inclyta herboris arbor procumbit, sed vernantibus ramis statim virentia folia immarcescibiles coronas nectentia surgent; sacra RITÆ frons ob Salvatoris spinam, tamquam solem intra plagam, instar carcinomatis, sustinuit nomen, & omen; rationem, & miraculum tenet, unico haustu calami confectum hoc breve

EPIGRAMMATUM.

Signa inter Cancer signum numeratur Olympi:
Ni foret antè, Astrum nunc foret ille novum.

Tandem emoritur, quæ miraculis clara se se æternitati commendat; jam viduatæ sorores ex ejus obitu plurimum doloris ferebant; luget Italia, luget Cassia, luget Roma, quæ paulo antè RITÆ pedibus calcari meruit; lugent omnes, interque lugentes Provincia in Italia nobilis luget Umbria, quæ velut umbra, tristitia plena, sub proprio nomine tegitur; lugent, dum per se cymbala festivo sono pulsantia, dicentiaque RITAM immortalis gloria donare, fletum abstergebant; tunc voces coadunantur, & ex omnibus una fit hæc brevissima

IMPLORATIO.

O' Decus magnum, columenque gentis,
Orbis immensum jubar, ut coruscans
Phæbus obscurum fidei replesti
Lumine mundum!
Ergo cunctorum petimus laborum
Nos ferre tecum comites ad astra,
Calites inter liceat beatam
Vivere vitam!

Auscultavit preces, omnesque semper curis exonerans, cuncta imperat, sinistram leuam abstulit, impossibilia superat, solaque omne malorum genus fugare valet; in tantæ gratiæ plausum, in tantæ sanctitatis honorem, affectus humilis, devotio flagrans, **ITÆ** ultimam, utpotè naturæ stupori, hoc elogium encomiasticum

D. V. C.

Diviniori Italia miraculo,

Instar Archimedis,

Celesti ardore mortalium eminens corda inflammanti;

Utpotè cui

Ignis in verbis vigor, & celestis origo.

Celesti in terris culmini

Alexandri memoriam humani,

Mundo maiorem animum gerenti.

Agrè igitur ferens

Vastissimo Orbis ambitu coerceri,

Unum illi non sufficere orbem iterabat,

Deficit, deficit Orbis.

Immortali inter mortales Angelo,

Illius quandoquidem

Vivit adhuc, regitque superstes animus.

Quin potius

Cum in illa vix aliquid fuerit corruptibile,

Non adempta est mundo, cum Calo reddita.

Eterni Verbi voci suavissima,

Mortalis aure immortalitati plurimos restituenti:

Mirificè etenim

Per universum orbem incessit sonus,

Et in fine Orbis terrarum ejus resultavit imago.

Splendidissimo virtutum omnium speculo,

Ad quod informes ita se composuere,

Ut formosissimi Deo viderentur.

Celebratissima demum Italia Heroine

RITÆ SANGTISSIMÆ

Exiguus hic dicatur labor.

Servus ab amore excordatus

Author hujus

